

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

Aline Silva de Andrade

Ikhãøiré g Aks g: I p Jokana Txihihãe Pataxó pú Pataxi Makiamé
(Lutas e Conquistas: Mulheres Indígenas Pataxó de Aldeia Velha)

Belo Horizonte
Maio de 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA, ARTE E LITERATURA

Aline Silva de Andrade

Ikhãøiré g Aks g: I p Jokana Txihihãe Pataxó pú Pataxi Makiame
(Lutas e Conquistas: Mulheres Indígenas Pataxó de Aldeia Velha)

Percurso acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Línguas, Artes e Literatura.

Orientador: Dr. Prof. Gilcinei Teodoro Carvalho

Belo Horizonte
2016

õApesar dos séculos transcorridos de constante exclusão, a mulher indígena continua persistindo e transmitindo vida aos povos originários do continente; e é, ao mesmo tempo, a portadora de esperança para o resgate e a visibilização de nossos povos ameaçados.ö (Jornal Portal Vermelho, 2012)

Dedico este trabalho primeiramente Deus, por ser essencial em minha vida. Ao meu pai José Vitorio, minha mãe Valdelice, minha segunda mãe Delmaci, aos meus irmãos, meu sobrinho e de uma forma especial a Minha Filha Yandara, que embora não tivesse conhecimento disto, iluminou de maneira especial os meus pensamentos, me levando a buscar mais conhecimentos. Dedico também, as Mulheres Indígenas que estão descritas nessa pesquisa.

Agradecimentos

Quero agradecer, em primeiro lugar, Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Aos meus pais, irmãos, minha filha, meu namorado e toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse a esta etapa importante de minha vida.

Agradeço as *Mulheres Indígenas de Aldeia Velha*, e em especial as que participaram diretamente dessa pesquisa, **o Dona Nair, Pajé Jaçanã, Dona Mera, Marialva e Ahnã Pataxóö**, por se disponibilizarem a colaborar com o meu percurso acadêmico.

A minha comunidade, cacique e lideranças que me apoiaram e confiaram em mim.

Ao jovem indígena Daniel Vaqueiro Santos, por ter me ajudado diretamente na gravação das entrevistas e a Varanda Cultural de Aldeia Velha, por ter me concedido os equipamentos.

As lideranças que nos representam no colegiado do FIEI e a todos os povos representados em nosso curso: Pataxó, Xakriabá, Pakararú, Guarani, Maxacali e Pataxó Hãhãhãe.

A Universidade Federal de Minas Gerais e Faculdade de Educação pela oportunidade de fazer o curso.

Agradeço ao professor *Gilcinei Carvalho* que teve paciência e que me ajudou bastante a concluir este trabalho.

Agradeço também a todos os professores do curso FIEI, bolsistas, administrativos, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e em especial a coordenadora *Maria Gorete Neto*. Que durante todo esse tempo, me ensinaram e mostraram que estudar é bom.

Aos colegas do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, em especial a minha turma de Línguas, Artes e Literatura, pois passamos toda essa jornada acadêmica juntos. Apesar de termos passado por momentos difíceis durante o curso, também passamos por alegrias, experiências novas, de aprendizados riquíssimos, que levaremos para vida toda.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, meu muito obrigado.

LISTA DE FIGURAS

Documento	Fontes/ Créditos	Página
Fig. 1: Imagem aérea da Aldeia Velha	Felipe Bispo da Conceição, 2008.	13
Fig. 2: Antiga entrada da Aldeia Velha (Créditos: Marialva Dias dos Santos, 2003)	Marialva Dias dos Santos, 2003.	14
Fig. 3: Foto do Sambaqui de Aldeia Velha	CARMO, Angelo Santos do. <i>Ipê Aldeia Velha Uma conquista Uma história</i> , S/D, 09.	16
Fig. 4: Nova entrada da Aldeia Velha	Gabriel Gomes Santos, 2015.	18
Fig. 5: Posto de Saúde atual e logo atrás mostra a caixa d'água que abastece as casas (caixa da esquerda)	Foto da autora, 2016.	19
Fig. 6: Modelo da casa antiga e atual	Foto da autora, 2016.	20
Fig. 7: Marcha de Resistência do Povo Pataxó Aldeia Velha, realização Escola Indígena Aldeia Velha com todos os alunos (19 de abril).	Foto da autora, 2016.	20
Fig. 8: Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha (frente atual).	Foto da autora, 2016.	21
Fig.9: As cinco Mulheres Indígenas.	Daniel Vaqueiro e Gabriel Santos, 2015	22
Fig. 10: Dona Nair confeccionando esteira de tabu, dentro da sua casa.	Foto da autora, 2015.	28
Fig. 11: Momentos de entrevista no fundo do quintal de Dona Nair	Daniel Vaqueiro Santos, 2015.	30
Fig. 12: Pajé Jaçanã em frente à sua casa, com os alunos da escola, passando os seus saberes tradicionais.	Daniel Vaqueiro Santos, 2015.	34
Fig. 13: Maria Preta/ Nome Científico: <i>Solanum americanum</i> .	Google, 2016.	39
Fig. 14: Cansação Branco/ Nome Científico: <i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	Google, 2016.	39
Fig. 15: Embaúba/ Nome Científico: <i>Cecropia</i> .	Google, 2016.	40
Fig. 16: Papaconha/ Nome Científico: IPECACUANHA.	Google, 2016.	40
Fig.17: Na imagem acima, estar à professora Alzenir, dando aula para os alunos na reserva, dentro da cabana, local denominado como primeira escola da aldeia.	CARMO, Angelo Santos do. <i>Ipê Aldeia Velha Uma conquista Uma história</i> , S/D, 24.	44
Fig.18: A professora Marialva e o professor Roberto (seu esposo).	Marialva Dias dos Santos, 2001.	45

Fig. 19: Registro feito em 2002, os alunos estudando, dentro da farinha, por não haver um local adequado e apropriado para sala de aula.	CARMO, Angelo Santos do. <i>Ipê Aldeia Velha Uma conquista Uma história</i> , S/D, 26.	46
Fig. 20: Farinheira local que era utilizado para farinha e também como sala de aula.	CARMO, Angelo Santos do. <i>Ipê Aldeia Velha Uma conquista Uma história</i> , S/D, 25.	50
Fig. 21: Marialva e seu aluno Aruanã na frente da Farinheira, local onde fazia farinha e também era utilizado como escola.	Marialva Dias dos Santos, 2003	51
Fig. 22: No final de 2004, os alunos mudaram para a escola construída através da parceria, entre FUNAI e Prefeitura, onde tinha apenas, uma sala e dois banheiros.	CARMO, Angelo Santos do. <i>Ipê Aldeia Velha Uma conquista Uma história</i> , S/D, 28.	51
Fig. 23: Reforma e Ampliação da escola.	Marialva Dias dos Santos, 2005.	51
Fig. 24: Após a ampliação.	Marialva Dias dos Santos, 2006.	52
Fig. 25: Escola construída pela Prefeitura, em 2009.	CARMO, Angelo Santos do. <i>Ipê Aldeia Velha Uma conquista Uma história</i> , S/D, 31.	52
Fig. 26: Frente atual da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha.	Foto da autora, 2016.	52
Fig. 27: Escola foi ampliada em 2014, com mais quatro salas; realização Prefeitura Municipal de Porto Seguro (Lateral da Escola).	Gabriel Gomes Santos, 2015.	53
Fig. 28: Espaço fora da Escola.	Foto da autora, 2016.	53
Fig. 29: Escola Antiga (fica ao lado da atual escola, localizada ao centro da aldeia), atualmente uma sala é utilizada como Ponto de Cultura e a outra Sala de Reforço escolar.	Gabriel Gomes Santos, 2016.	53
Fig. 30: Foto antiga, onde mostra que os indígenas já praticavam a cultura.	Marialva Dias dos Santos.	57
Fig. 31: Projeto Arte Educar.	Marialva Dias dos Santos, 2006.	58
Fig. 32: Revista que saiu a matéria sobre o Prêmio Mulher de Negócios. Ahnã recebendo o troféu do superintendente do Sebrae Bahia, Edival Passos.	Foto da Autora, 2015.	59
Fig. 33: Ahnã com as demais Mulheres que chegaram a etapa final.	Foto da Autora, 2015.	60
Fig. 34: Frente da casa de Ahnã, denominada como Varanda Cultural.	Varanda Cultural, 2015.	61
Fig. 35: Alguns movimentos que a Varanda Cultural desenvolve dentro da aldeia.	Varanda Cultural, 2015.	61

Sumário

Apresentação	9
Introdução	11
Capítulo 1 ó Território Indígena Pataxó Aldeia Velha	13
1.1 Localização da Aldeia.....	13
1.2 Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha.....	14
Capítulo 2 ó Trajetórias de Vida das Mulheres Indígenas Aldeia Velha	22
2.1 Maria Rosa (Dona Nair).....	26
2.2 Maria Døajuda (Pajé Jaçanã).....	31
2.3 Esmeralda (Dona Mera).....	36
2.4 Marialva (Pariri Mayná).....	42
2.5 Mariceia (Ahnã Pataxó).....	55
Considerações Finais	62
Referências	64

APRESENTAÇÃO

Decidi pesquisar sobre as mulheres da minha aldeia porque é um tema com o qual me identifico bastante. Por ter participado de alguns seminários e movimentos das mulheres indígenas, o meu envolvimento nessa área gerou o desejo de um maior investimento de pesquisa e de registro da trajetória das mulheres da nossa Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha. Em 2009, fui escolhida como representante Pataxó do município de Porto Seguro, atuando como suplente no conselho de mulheres da Costa do Descobrimento. Dentre as representantes, estavam mulheres indígenas, negras, quilombolas que lutavam por vários direitos: igualdade racial, valorização do trabalho, integridade física e dignidade. Participando desses movimentos, percebi que as mulheres no geral são maltratadas, discriminadas e restritas de seus direitos como cidadãs. Mas, também, aprendi que nunca devemos desistir de lutar pelos nossos direitos e essas manifestações estão crescendo cada dia e criando forças.

Escolhi o tema **“Lutas e Conquistas: Mulheres Indígenas Pataxó de Aldeia Velha”** porque, acima de tudo, sou mulher e vejo que esse é um assunto de suma importância e que muitas vezes é deixado de lado e esquecido. Um desses exemplos foi quando participei do Seminário Temático no curso Formação Intercultural de Educadores Indígenas (FIEI) na Universidade Federal de Minas Gerais, no dia 07 de maio de 2014, com a temática sobre Gênero. A palestrante Nádia Tupinambá ó Bahia relatou que havia participado de um debate na França sobre os direitos das mulheres. Chegando ao local do debate havia apenas homens representando as mulheres; ela era a única mulher e percebeu, então, que o problema era o mesmo, só mudava de lugar. A conclusão foi a de que as mulheres de todo o mundo são silenciadas. Esse foi um fato marcante e que fortaleceu o meu desejo de pesquisar sobre essa temática.

Até onde sei, não existe nenhum registro que relate somente sobre as mulheres de Aldeia Velha, o que significa sua desvalorização. Devido às tecnologias e à globalização estarem presentes dentro das comunidades indígenas, o diálogo intercultural é inevitável. Esse diálogo, no entanto, é baseado em relações de poder que evidenciam diferentes valores sociais. Os nossos jovens, por exemplo, tendem a não querer ou mesmo se interessar pelos saberes tradicionais dos mais velhos e sabemos que as mulheres são fontes riquíssimas de conhecimentos. Esse é um dos problemas que mais me preocupa, pois são esses saberes que fortalecem a nossa cultura e identidade indígena. Se perdermos

esses conhecimentos a força acaba. Nós, indígenas, temos que considerar as nossas mulheres como um livro vivo, pois senão pesquisarmos, buscarmos e obtermos esses conhecimentos, eles se perderão junto com elas.

Com a realização dessa pesquisa ficarão registradas histórias de mulheres da nossa aldeia, para que nossas crianças, jovens, adultos e as novas gerações conheçam e valorizem a luta de cada uma dessas mulheres aqui relatadas. Esse registro terá sua função tanto na escola quanto na comunidade, pois a escola não deve ser um lugar neutro e, sim, de práticas culturais para que esses conhecimentos se fortaleçam.

Além disso, sou mulher indígena e Pataxó; serei a primeira da Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha, a concluir o curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, na Universidade Federal de Minas Gerais. O tema escolhido é bastante importante para mim e todos esses aspectos citados acima fortalecem mais ainda o desejo de registrar as histórias dessas mulheres. Apesar de alguns momentos ter sido difícil e doloroso relembrar o que essas mulheres sofreram, os relatos evidenciam uma grande conquista, pois são mulheres que estão aqui para contar com suas próprias palavras as suas trajetórias de luta. Esse trabalho certamente contribuirá para o fortalecimento do movimento das Mulheres Indígenas, já que tentam romper com o processo de silenciamento de suas vozes e servirá de registro histórico para as presentes e futuras gerações.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo dar visibilidade às mulheres indígenas, especificamente as Pataxó de Aldeia Velha. Devido ao contato direto com as tecnologias que estão introduzidas dentro das comunidades indígenas, tais como, televisão, celulares, computadores, é comum os jovens tenderem a não querer, nem se interessar pelos saberes culturais considerados mais tradicionais. Com isso, os saberes que as mulheres mais velhas guardam acabam sendo desconhecidos ou desvalorizados. Se não soubermos utilizar esses instrumentos tecnológicos para o benefício do nosso povo, servirão como arma contra nós indígenas e os saberes tradicionais se perderão com nossas anciãs.

O presente trabalho também tem como objetivo específico registrar as lutas e conquistas das Mulheres Indígenas Pataxó de Aldeia Velha, suas vivências e contribuições no desenvolvimento da comunidade, ressaltando como foi a vinda de cada uma delas para a aldeia, dificuldades enfrentadas e quais atividades praticam na comunidade. Essa pesquisa foi realizada através de entrevistas e conversas, fazendo com que as entrevistadas fossem conduzidas, da forma mais espontânea, para relatar os fatos ocorridos com clareza. Como produto final, foi produzido um pequeno documentário em áudio visual que estará anexado a este trabalho. A presença de várias linguagens mostra a importância de se ter esse registro não apenas escrito, mas em imagens e sons, para valorização da oralidade das mulheres indígenas e para o conhecimento das mulheres com a integração de vários elementos do contexto da aldeia, demonstrando a expressão, a forma de dialogar de cada mulher, a aparência física e demais aspectos que, na escrita, há uma certa limitação nas formas de registro.

Na pesquisa, estão registradas as lutas e conquistas de algumas mulheres de Aldeia Velha. Foram escolhidas cinco mulheres, três anciãs e duas mais novas, com o intuito de mostrar que tanto as mais velhas quanto as novas passaram por várias lutas em suas trajetórias de vidas. Por mais que tenham sido diferentes vivências, em cada entrevista, demonstraram terem o mesmo pensamento e preocupações; o desenvolvimento da aldeia e as futuras gerações, referente a parte cultural e demais ensinamentos. Maria DøAjuda (Pajé Jaçanã), Maria Rosa (Dona Nair), Esmeralda (Dona Mera), Marialva (Pariri Mayná) e Mariceia (Ahnã Pataxó) foram as mulheres escolhidas para apresentar as lutas e as conquistas.

Durante todo esse período de pesquisa, a partir do mês de maio de 2014 até 2016, tivemos vários encontros, para dialogarmos sobre o trabalho, mostrando a importância da pesquisa para comunidade e para a valorização da oralidade delas. As visitas eram marcadas antecipadamente, as conversas aconteciam na casa de cada mulher, geralmente no fundo do quintal, em meio a natureza. As mulheres demonstraram bastante interesse pelo assunto, se mostraram disponíveis e com disposição ao diálogo, pois nunca haviam feito uma pesquisa sobre essa temática na Aldeia Velha.

Tivemos momentos de gravação em áudio visual para o documentário e outros apenas de áudio (voz) para complementação de informações na parte escrita e que não apareceram no vídeo. Foram momentos marcantes durante as entrevistas, pois por mais que as conhecesse, havia histórias que particularmente não tinha conhecimento e que provavelmente poucas pessoas da aldeia conhecem e, com essa pesquisa, terão a oportunidade de conhecer.

O trabalho está organizado na forma de dois capítulos. O primeiro capítulo demonstra a aldeia da parte de cima, com uma foto aérea, mostrando a sua localização, divisões entre comunidade (onde estão as casas), reserva de preservação ambiental, parte baixa (onde fica a divisa entre aldeia e o rio Buranhém, e onde está localizado o mangue) e a distância entre a Aldeia Velha e o Distrito de Arraial D'Ajuda ó Município de Porto Seguro, que é bastante próximo. Em seguida é abordado o contexto histórico do Território Indígena Pataxó Aldeia Velha e atualmente como estão as mudanças decorrentes dos anos anteriores.

O segundo capítulo narra as trajetórias de vidas das Mulheres de Aldeia Velha, tendo como ponto de partida a chegada de cada uma delas na aldeia, o que sofreram para chegarem onde estão, os saberes tradicionais que guardam, como elas contribuíram para o desenvolvimento da comunidade e quais as mudanças transcorridas com o passar dos anos.

CAPITULO 1

TERRITÓRIO INDÍGENA PATAXÓ ALDEIA VELHA

1.1 LOCALIZAÇÃO DA ALDEIA VELHA

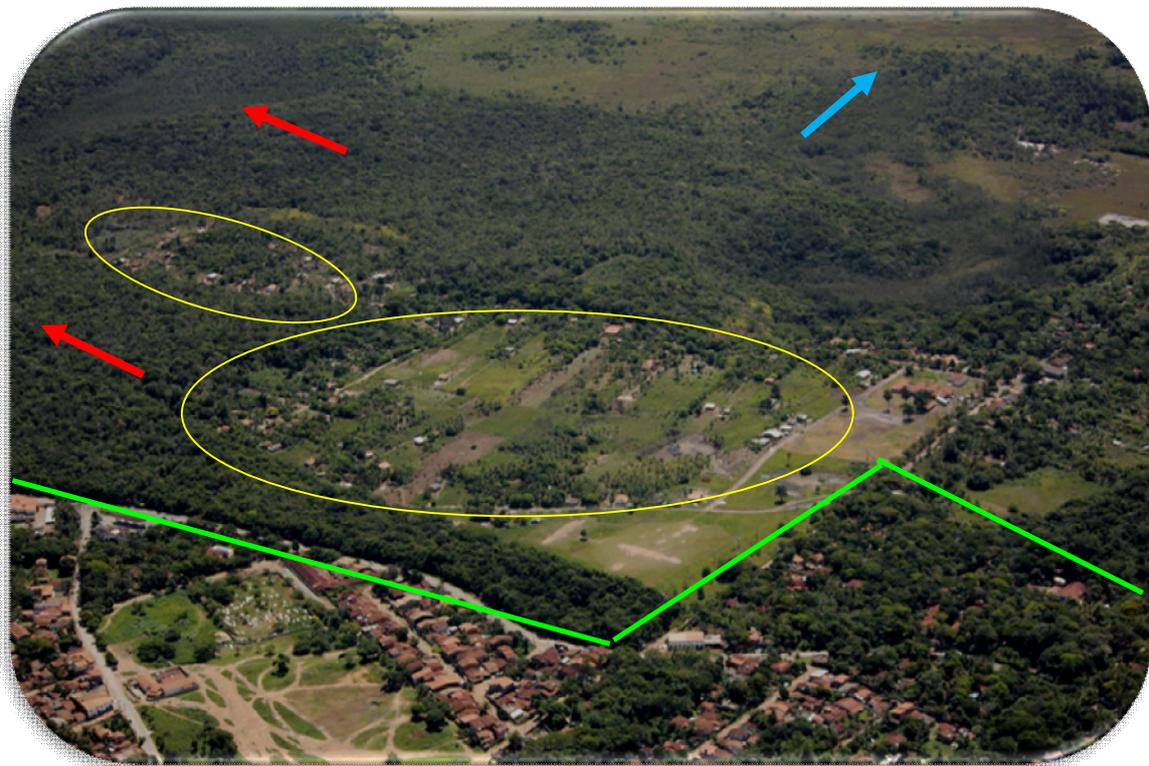


Fig. 1: Imagem aérea da Aldeia Velha (Crédito: Felipe Bispo da Conceição, 2008)

Amarelo **Comunidade** - onde estão localizadas as casas (centro da aldeia)

Vermelho **Reserva Indígena** ó área de Preservação Ambiental

Azul **Parte baixa da aldeia** ó onde estão localizados o mangue e a divisa entre aldeia e o rio Buranhém.

Verde **Distrito de Arraial de Ajuda** (Município de Porto Seguro ó Bahia) - fica bastante próximo da aldeia

1.2 COMUNIDADE INDÍGENA PATAXÓ ALDEIA VELHA



Fig. 2: Antiga entrada da Aldeia Velha (Créditos: Marialva Dias dos Santos, 2003)

Desde o início foi uma grande luta para a conquista do território, com a iniciativa do indígena Silvino Lopes do Espírito Santo, mais conhecido por ãIpêö. Devido ele ter constatado que naquela terra existiam vestígios, cemitério de ostras e fornos antigos õ[...] formando sítios arqueológicos, prova de que nossos antepassados indígenas já ocupavam a área em questãoö (CARMO, p. 8, S/D) em 1990, Ipê iniciou um processo de conscientização de algumas famílias indígenas não aldeados que viviam nas proximidades do Arraial Dø Ajuda de que eles tinham seus direitos garantidos por leis, com intuito de cultivar e preservar os costumes tradicionais.

Esse processo que ocorreu com Ipê e os indígenas não aldeados não foi um movimento isolado. Iniciativas que buscaram lutar pelos territórios indígenas também aconteceram em outros lugares do Brasil. Segundo o livro de Angelo Santos do Carmo, ainda em preparação, o autor faz uma pequena citação do indígena Gersem Baniwa (2008), relatando que, no Brasil, vem ocorrendo um fenômeno conhecido por etnogênese e reetnização. Nesse processo, os povos indígenas que por pressões políticas, econômicas, religiosas, foram expulsos de suas terras, impedidos de praticarem

seus costumes tradicionais, sendo obrigados a se esconderem e negarem suas identidades tribais, como estratégia de sobrevivência, passam a atualizar suas identidades. Assim,

o significado literal para etnogênese, embora seja nascimento étnico, abarcaria não exclusivamente a emergência étnica, mas principalmente, as transformações sociais ocorridas dentro de grupos existentes, analisando não apenas o aspecto político, mas a incorporação de novos costumes, redefinindo os traços étnicos anteriores. (BERTOLDO, 2012 *apud* CARVALHO, S/D)

Todo esse movimento político de extermínio e silenciamento das populações indígenas conseguiu exterminar vários povos e etnias inteiras desapareceram, sem falar das milhares de línguas indígenas que foram mortas. Devido a essa enorme opressão, foram forçados a falarem apenas o português, como primeira língua. No entanto, os indígenas sempre lutaram e lutam pelos seus direitos e, certamente, muitos indígenas deram suas vidas em prol da causa. E que muitas vezes, a população brasileira desconhece esse fato ou, de certa forma, fecha os olhos para essa realidade. Durante todo esse massacre contra as populações indígenas, apesar da grande perda, vários povos resistiram e preservam até hoje as suas línguas de origem e outros estão em processo de revitalização e fortalecimento cultural.

No caso da comunidade Pataxó, após o período de conscientização, Ipê reuniu-se com cerca de 12 (doze) famílias, com o mesmo pensamento de retomar o que eram deles por direito, ou seja, o território tradicional para que pudessem criar seus filhos/netos e serem passados os seus conhecimentos tradicionais de geração a geração.

A primeira tentativa de retomada da terra ocorreu no ano de 1993 e as famílias que se instalaram no local onde hoje é denominada *õreserva indígenaõ* ficaram lá por duas semanas. Porém, o fazendeiro soube do acontecido e, imediatamente, entrou com ação judicial contra os indígenas. Houve a retirada dos índios, que acataram a liminar sem nenhum tipo de resistência ou agressão contra os oficiais (CARMO, S/D, p. 10). Os policiais, por outro lado, usaram de violência para com os indígenas, não respeitando nem os mais velhos, as mulheres e crianças que estavam no local. Segundo depoimento daqueles que vivenciaram essa primeira tentativa de retomada, chegaram atirando para cima, derrubaram as casas improvisadas, as comidas que estavam cozinhando, destruindo tudo o que havia no lugar. Dessa forma, os indígenas foram expulsos da

terra, saíram, mas prometeram retornar, pois sabiam que seus antepassados haviam vivido ali e a luta estava apenas começando.

De acordo com os escritos de Angelo Santos do Carmo, onde hoje está localizada a Aldeia Velha tinha sido implantada pelos Jesuítas a Aldeia Santo Amaro, no ano de 1534, e constitui-se como um dos primeiros aldeamentos, comprovado através de sítios arqueológicos. Por isso que os antigos òdonosõ chamavam a área de Fazenda Santo Amaro. No entanto, o nome Aldeia Velha foi dado pelo cacique Ipê. Segundo o cacique, a escolha foi devido aos vestígios encontrados na terra, que comprovavam que o território era habitado por indígenas e era um lugar de encontros de várias etnias, tais como: Tupiniquins, Botocudos, Maxacalis, Patatiba, entre outros. O senhor Ipê afirma que esses relatos foram confirmados e comprovados por vários antropólogos. Em entrevista com o senhor Ipê, realizada por mim na casa dele, na Aldeia Velha, ele cita alguns nomes de pessoas que estavam no período da retomada, fazendo o estudo da terra, José Augusto Sampaio (mais conhecido como Guga), foi o que iniciou a pesquisa; Celso que morava no Espírito Santo; Geraldo Magela; Jorge que trabalhava na Fundação Nacional do Índio e Leila Silvia Burgersotto Maior, õque concluiu o estudo da terra, inclusive foi o que saiu no Diário Oficial da Uniãoõ.



Fig. 3: Foto do Sambaqui de Aldeia Velha (Fonte: CARMO. p. 9, S/D)

Em seu trabalho, ainda em processo de finalização, em que relata a história de Ipê e sobre a aldeia, Carmo declara que, segundo pesquisadores, em Aldeia Velha, há três sambaquis, sendo que

o maior mede cerca de 20 metros de comprimento, oito de largura e três de altura. Estima-se no mínimo 400 anos de existência; porém, ainda não foi feito um estudo mais detalhado.

Sambaquis são montes compostos de moluscos (de origem marinha, terrestre ou de água salobra), esqueletos de seres pré-históricos, ossos humanos, conchas e utensílios feitos de pedra ou ossos. É resultado de ações humanas, ou seja, são montes artificiais, com dimensões e formas variadas. Os sambaquis são locais muito antigos, onde os homens comiam moluscos em grandes grupos. O formato dos sambaquis vão dos cônicos aos semi-esféricos. (PACIEVITCH.p.1, 2016)

A segunda retomada da Terra Indígena Aldeia Velha ocorreu no ano de 1998, cinco anos depois da primeira tentativa. Ipê e os demais indígenas, apesar de ter passado esse tempo fora da área em questão, nunca haviam desistido da luta. Se reuniam frequentemente para reuniões, mas dessa vez se organizaram melhor, para não tomarem decisões precipitadas em relação à entrada novamente na terra. Segundo Ipê, "buscaram apoios de outros indígenas e outras comunidades, porém poucos os ajudaram."

No entanto, mesmo em meio a tantas interferências, os indígenas não desanimaram e lutaram até o fim e conseguiram ter suas terras de volta. Após essa segunda tentativa, permaneceram definitivamente no território. Segundo o relatório das terras de Aldeia Velha feita pela antropóloga Leila Silvia Burgersotto Maior, publicado no Diário Oficial da União, no dia 17 de junho de 2008, através dessa pesquisa é que foi concedida a demarcação da terra, em favor dos índios.

Os Pataxós dominavam toda a faixa do extremo sul baiano, compartilhando com os Maxacali, os quais se supõem serem da mesma família linguística, o território entre o rio João de Tiba e o São Mateus- ES, porém mantendo suas concentrações próximas a costa. Segundo, a Antropóloga Leila, no final do século XVI, não mais havia índios na região do descobrimento. Em seu estudo, pode ver que dentre as aldeias extintas estavam a Aldeia de Santo Amaro (atual Aldeia Velha), tinha restado apenas as Aldeias de São João Batista (atualmente Trancoso) e da Patatiba ou como era mais conhecida por Patativa/Vila Verde (atualmente Vale Verde), o nome dessa aldeia citadas, foram escolhidas pelos Jesuítas na época. (CARMO, S/D, p.14 *apud*, MAIOR, 2008).

Houve, portanto, a confirmação de que a área em questão é, sim, terra indígena e ocorreu a retomada de apenas o que deles foram tirados há muitas décadas.



Fig. 4: Nova entrada da Aldeia Velha (Crédito: Gabriel Gomes Santos, 2015)

No decorrer dos anos, houve bastante mudanças e avanços, com um grande aumento populacional da comunidade. Estima-se que há aproximadamente 280 famílias e mais de mil pessoas residindo hoje em Aldeia Velha. Porém, esse aumento teve alguns impactos, referente a vários aspectos, tais como: a falta de água para abastecer todas as casas, pois antes quando eram menos famílias, não havia problemas na distribuição de água, e atualmente a caixa d'água não está sendo suficiente. O impacto também abrange a questão da saúde na comunidade, referente ao atendimento médico. Por terem muitas pessoas para o atendimento e devido a equipe médica vir ao posto de saúde da aldeia, apenas duas vezes na semana, acaba não contemplando a todos os moradores. E outro fator importantíssimo que está ocorrendo na comunidade é o impacto ambiental. Com o aumento gradativo de famílias, percebe-se que os jovens, no decorrer dos anos, estão crescendo e formando novas famílias. Porém, esse fator é bastante preocupante para as lideranças e a comunidade, por não haver espaço suficiente para a habitação das futuras gerações. Apesar da aldeia ter uma área de 2.001 hectares demarcados, existe uma parte que é reserva de preservação e não pode ser desmatado.



Fig. 5: Posto de Saúde atual e logo atrás mostra a caixa d'água que abastece as casas (caixa da esquerda) (Foto da autora, 2016)

A comunidade Pataxó está progredindo a cada dia e as mudanças são relevantes para o desenvolvimento intercultural de Aldeia Velha. Os moradores da comunidade recebem com frequência atendimento médico para a melhoria da saúde dos indígenas. A mudança também pode ser atestada pelas construções de casas de lajotas, que trouxeram mais segurança, pois as casas antigas eram feitas de taipa, da seguinte forma: paredes eram envaradas com madeiras e amarradas com cipó, geralmente usava-se a folha de Eternit ou telha no telhado, após esse processo, a parte final era o preenchimento com barro. Porém, esse modelo de casa tradicional trazia riscos de vida aos moradores, devido a insetos, répteis e outros animais perigosos que ficavam alojados dentro das casas. Além do mais, foi um meio de preservação ambiental, pois a madeira utilizada para a construção das casas era retirada da mata, por ser o único meio que os indígenas tinham.



Fig. 6: Modelo da casa antiga e atual (Foto da Autora, 2016)

Outro fator importante é o avanço da Educação Escolar Indígena, referente a vários aspectos, dentre eles estão: o crescimento estrutural da escola (9 salas de aula, secretária, cozinha, refeitório, biblioteca, banheiros, pátio), professores formados em Pedagogia e outros em processo de formação nas Licenciaturas Interculturais para Educadores Indígenas e o envolvimento direto dos alunos em relação às práticas culturais na danças, músicas tradicionais, pinturas e o Patxôhã (Língua do Povo Pataxó).



Fig. 7: Marcha de Resistência do Povo Pataxó Aldeia Velha, realização Escola Indígena Aldeia Velha com todos os alunos (19 de abril) (Foto da autora, 2016)

Esses fatores citados acima tiveram um grande valor para a Comunidade de Aldeia Velha. Com as lutas enfrentadas, os indígenas tiveram o seu território reconhecido e demarcado como terra indígena. E, atualmente, é uma aldeia conhecida, pois antes não havia tal reconhecimento. Saliento que até mesmo no Distrito de Arraial Dajuda, onde fica localizada a aldeia, muitas pessoas não reconheciam como território indígena, após vários movimentos de fortalecimento cultural dentro e fora da comunidade, mostrando a cultura do Povo Pataxó em vários lugares, esse desconhecimento foi sendo alterado e houve uma relativa mudança em relação ao preconceito que as pessoas tinham.



Fig. 8: Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha (frente atual) (Foto da autora, 2016)

No entanto, até hoje ainda há preconceitos, mas com menos força do que antes. Apesar de ser uma aldeia bastante próxima da cidade, os indígenas ainda conseguem preservar os seus costumes tradicionais, tais como; o ritual ãAwêö (dança/música), festa da aldeia que acontece uma vez ao ano, luau com os mais velhos e também por ter a presença da escola com uma proposta curricular que inclui temáticas e abordagens específicas do Povo Pataxó, conforme referido acima.

Além dos avanços conquistados pela comunidade, descritos no presente trabalho, as lutas são contínuas e estão manifestadas na valorização dos conhecimentos passados pelos mais velhos, na preservação da natureza, na educação das crianças e jovens e no fortalecimento cultural.

Nesse processo, é importante ressaltar a participação das mulheres indígenas no contexto histórico de transformação e crescimento da Aldeia Velha. O processo de reconquista foi e continua sendo coletivo, no qual as mulheres também exerceram e exercem um papel importante para o seu povo. No próximo capítulo, as histórias de algumas mulheres que participaram dessas lutas no desenvolvimento de sua comunidade serão descritas.

CAPITULO 2

TRAJETÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES INDÍGENAS DE ALDEIA VELHA



Fig. 9: As cinco Mulheres Indígenas (Créditos: Daniel Vaqueiro e Gabriel Santos, 2015)

Agregadas as lutas das mulheres, as populações indígenas tiveram várias conquistas, pois uma mulher guerreira nunca desiste e busca sempre melhorias para o seu povo. Ao lermos sobre as histórias dos povos indígenas, em todos os casos, sempre há participações diretas das mulheres, porém, muitas vezes não são reconhecidas e acabam ficando invisibilizadas pela sociedade. Segundo Vieira e Oliveira (2013), é de grande importância escrevermos sobre as histórias das mulheres, dessa forma estaremos fortalecendo e mostrando a capacidade da mulher indígena, dentro da história do Brasil e das populações indígenas.

A antropóloga Ângela Sacchi (2003) enfatiza que a partir da década de 1990, o movimento das mulheres indígenas vem crescendo a cada dia e que elas começaram a criar suas próprias organizações. Nesse processo organizativo, apenas duas associações surgiram antes do ano de 1980: Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN) e Associação das Mulheres Indígenas de Taracuaá, Rio Uaupés e Tiquié (AMITRUT). Segundo Sacchi, as mulheres indígenas buscam e reivindicam direitos próprios de seu gênero e o fortalecimento de antigas lutas de seus povos, tais como: Direito de terem as terras tradicionais demarcadas, saúde, respeito, dentre outros.

Em seus relatos, Ângela indica que as mulheres indígenas têm participado, cada vez mais, dos encontros, oficinas e conferências nacionais e internacionais promovidos pelas organizações indígenas, em instâncias estatais e não governamentais. Nesses novos espaços abertos para discussões, há mulheres de diferentes etnias, lutando pelo mesmo propósito: a visibilidade delas em vários âmbitos nacionais e internacionais.

Em ambos os eventos, as demandas reivindicadas pelas mulheres indígenas demonstram que elas têm unido suas vozes ao movimento indígena nacional, por um lado, mas também desenvolvendo um discurso e uma prática política a partir de uma perspectiva de gênero. Explicitam igualmente um conjunto de restrições ao processo organizativo: as dificuldades em participar de processos de decisão e dos encontros, que são advindas da resistência das próprias comunidades, das lideranças masculinas, do Estado e da sociedade não indígena, e também da falta de recursos, capacitação e experiência organizativa. (SACCHI, 2013, p. 101)

Segundo Ângela Sacchi (2013, p.101) dentro de alguns debates, em Encontros de Mulheres Indígenas, as mesmas propuseram algumas propostas, dentre elas, as alianças entre o movimento indígena com os órgãos estatais e governamentais, selando um compromisso entre indígenas e não indígenas de estabelecer um processo político de autonomia para as mulheres indígenas. Isso significa garantir o espaço das mulheres nas discussões, dar visibilidade ao ponto de vista delas, dando voz para essas mulheres e, assim, fortalecer o movimento feminino.

Mas percebo que, mesmo tendo essas pequenas mobilizações, é um assunto bastante invisibilizado. Recentemente, fiquei sabendo que existe o dia Internacional da Mulher Indígena e que para muitos é desconhecido. A comemoração é realizada no dia 05 de setembro, que ficou instituído no ano de 1983, durante o II Encontro de Organizações e Movimentos da América, em Tihuanacu (Bolívia). Essa data foi escolhida devido a morte de Bartolina Sisa, uma valente mulher quíchua, morta esquartejada pelas forças realistas durante a rebelião anticolonial de Túpaj Katari, no Alto Peru. Segundo o Jornal Portal, Bartolina morreu lutando por melhorias para o seu povo e pela maior representatividade da mulher indígena. Na visão de muitos, a mulher é apenas uma reprodutora e dona de casa. Porém, a mulher, em especial a indígena, sofre um enorme preconceito e discriminação, sem um reconhecimento adequado na história do nosso país. Mas, como podemos ver, todas as mulheres têm um papel essencial na história e, lamentavelmente, foi após a morte dessa guerreira é que hoje existe o dia Internacional da Mulher Indígena.

A mulher indígena é portadora vital da herança cultural, a que ensina a língua ancestral aos filhos; a que dá continuidade às tradições; a que resiste as diferentes formas de violência estrutural, precisamente por sua tríplice condição de excluída: ser indígena, ser pobre e ser mulher. (PORTAL. Vermelho, 2012, p. 1)

A escolha das cinco mulheres apresentadas nesse trabalho foi devido às histórias de lutas que elas tiveram, durante as suas trajetórias de vida, e cada uma com uma particularidade que merece ser apresentada e conhecida. Percebi, também, que as lutas do cotidiano dessas mulheres são vivências parecidas com a das demais indígenas, que lutam pelos seus direitos como cidadãs e pelo futuro melhor para os seus descendentes. E cada uma delas tem a sua contribuição no desenvolvimento da Aldeia Indígena Pataxó Aldeia Velha, e dentro da comunidade essas mulheres tem um papel fundamental na história do seu povo.

[...] A importância das mulheres para o povo Pataxó, através das histórias que elas contam sobre a aldeia antigamente e atualmente, em relação a tudo que aconteceu e está acontecendo ao longo dos anos. [...] Na participação das mulheres na vida comunitária, na luta pela terra, o modo como as crianças foram e são criadas hoje, nos aspectos físico e social da aldeia. (OLIVEIRA e VIEIRA, 2013, p. 12)

De modo geral, o que se constata é que as mulheres são praticamente invisíveis para o indigenismo brasileiro e demais órgãos. Apesar dos avanços nos últimos anos, ainda há bastante discriminação contra as mulheres. Segundo Verdum (2008), a vontade de mudança tem sido um bom estímulo para as mulheres indígenas, para o fortalecimento no movimento. Porém, Verdum afirma que um dos maiores desafios que as mulheres se deparam é dentro de suas próprias aldeias, referente a participação direta nas políticas públicas da comunidade e por ainda existir resistências relacionadas à participação delas no movimento indígena. No entanto, o movimento das Mulheres Indígenas no Brasil está crescendo a cada dia, apesar de haver essas resistências em algumas comunidades, como relata Verdum. Esse fator vem mudando com o passar do tempo. Atualmente as mulheres estão marcando presença em diversos lugares. Mas, apesar de ter tido alguns avanços, as lutas das mulheres são constantes, tanto em casa, na aldeia e quando vão representar o seu povo fora da aldeia.

2.1 MARIA ROSA (DONA NAIR)



Maria Rosa Jesus dos Santos

(Dona Nair)

Anciã

Idade: 63 anos (1951)

Nascida em Guaratinga - Bahia

Viúva, mãe de 17 filhos (6 vivos), 16 netos e 5 bisnetos.

A senhora Maria Rosa, mais conhecida como Dona Nair, participou diretamente da retomada de Aldeia Velha. Dona Nair trabalha como artesã na fabricação de esteiras, vassouras, abajur e outros tipos de artesanatos e também com a agricultura na plantação de feijão, mandioca, cana de açúcar e demais plantios.

Em sua entrevista relata que, mesmo antes de ser chamada pelo cacique Ipê (na época), já era moradora da área há 18 anos. Em seus relatos, dona Nair explica que antes de morar na aldeia, residia em um lugar chamado Braolândia (Rio da Barra), que fica próximo ao distrito de Trancoso, município de Porto Seguro. Na época, eram apenas ela, seu esposo e sua primeira filha que se

chama Terezinha. Nesse local, Dona Nair trabalhava junto com seu esposo na agricultura. Quando veio morar na parte baixa da aldeia que ainda era denominada de fazenda Santo Amaro, ressalta que havia um mês e pouco que a indígena Diomerinda mais conhecida por Dona Dió estava residindo no local. Viviam apenas duas famílias na parte baixa, a de dona Nair e dona Dió. Nair afirma que sua família trabalhava com agricultura e a outra na fabricação de tijolos e esteira. A vida de dona Nair era cansada, quando morou na parte baixa da aldeia, antes da retomada. Ela se ocupou na luta pela criação de seus filhos, trabalhou fazendo carvão, fazendo dendê, no mangue e no marisco e o pouco de estudo que deu para os seus filhos foi através desses meios de trabalhos. Porém, neste mesmo período, o fazendeiro expulsou sua família da terra, ficando apenas Dona Dió e seu filho Damião.

Nair relata ter ido para a cidade de Itabela. Devido eles não terem se acostumado com o lugar, voltaram para o Arraial D'Ajuda novamente e ficaram morando no bairro São Pedro. Com o passar do tempo, ela e sua família foram convidados pelo cacique Ipê para participarem da retomada de Aldeia Velha. Dona Maria Rosa informa que eles, junto com outras famílias indígenas não aldeadas, na primeira tentativa, entraram a primeira vez pela reserva, ficaram um período e foram expulsos da terra, pois o fazendeiro entrou com uma liminar para a retirada dos indígenas. Maria Rosa relata com detalhes o que aconteceu: no dia chegou um oficial de justiça e policiais na entrada da reserva, justamente no momento em que Ipê ia saindo do local, os policiais o abordaram e entraram na reserva para retirar os indígenas, utilizaram de agressividade, vieram atirando para cima, derrubando as casas improvisadas e as panelas com comidas. Não respeitaram os mais velhos e nem as crianças.

Cerca de cinco anos depois da primeira tentativa, reuniram-se novamente, porém, com mais famílias. Na segunda vez, entraram pela parte baixa da aldeia, ficaram durante alguns meses. Após esse período, todos que estavam envolvidos se deslocaram para a reserva da aldeia, conservada hoje como área de preservação ambiental. Ficaram aproximadamente 1 ano e 6 meses no local e, então, tomaram a decisão de retomar a sede da aldeia, que na época estava na posse do fazendeiro, denominada Fazenda Santo Amaro. Assim, as lutas foram contínuas para conquista da terra.

Efetivaram a retomada da sede. Depois desse episódio, o fazendeiro não conseguiu mais retirar os indígenas da terra, pois ficou comprovado que o lugar em questão, realmente é denominada como Terra Indígena. O fazendeiro entrou com várias ações para reintegração de posse, mas todas foram negativas pelo juiz. O território foi demarcado e nomeado como Aldeia Indígena Pataxó Aldeia Velha.

Dona Nair ressalta que sua mãe confeccionava esteira, porém não aprendeu com ela porque ela era pequena. Dona Nair afirma que aprendeu a fazer o artesanato de cipó e tabu por ela mesma, quando veio morar na aldeia. Fazia da seguinte forma, entrava nas matas da aldeia recolhia o cipó e começava a criar esses materiais e não teve ajuda de ninguém para ensiná-la.

No seu trabalho, faz vários tipos de artesanatos. Porém, existem algumas dificuldades para obter a matéria prima, por isso que hoje não realiza com frequência essas atividades, pois para tirar o tabu, por exemplo, tem todo um processo de preparação. Com detalhes, ela explica desde a retirada do material ao resultado de seu trabalho como artesã.



Fig. 10: Dona Nair confeccionando esteira de tabu, dentro da sua casa (Foto da autora, 2015)

Devido a ter todo esse cuidado no processo de preparação dos materiais, é difícil encontrar pessoas que saibam e queiram se envolver nessa atividade, considerada trabalhosa. Dona Nair ressalta que na sua idade encontra certa dificuldade na extração do tabu. Embora exista essa dificuldade derivada das limitações da idade, conta com a ajuda dos filhos

Em se tratando de esteira, ela é uma referência na aldeia. Apesar de alguns saberem confeccionar na aldeia, as pessoas sempre a procuram para comprar o artesanato, tanto de dentro como de fora da comunidade.

Maria Rosa foi casada há mais de 40 anos, com o senhor Gilbergue Santos Andrade, mais conhecido por Seu Bergue. O seu esposo a ajudava bastante, os dois eram muito unidos, sempre trabalharam juntos na roça e com o artesanato. Não se recorda ao certo em que ano veio morar na

aldeia, lembra que sua filha mais velha Terezinha tinha apenas 01 ano e que hoje ela está com 43 anos.

Manteve um relacionamento duradouro com o Seu Bergue e tiveram 17 filhos, porém, vivos são 6 (três homens e três mulheres), 16 netos e 5 bisnetos. A única que não nasceu na aldeia foi a filha mais velha, os demais nasceram e foram criados no interior dessa aldeia. E os demais que faleceram são o resultado do sofrimento que passaram na parte baixa da aldeia, já que não havia uma alimentação adequada, moradia precária, assistência médica e demais estruturas.

Em seu relato, Dona Nair relembra, com emoção, a perda dos seus onze filhos, pois é uma grande perda. Naquela época, o índice de mortalidade era enorme, devido vários aspectos negativos que as famílias vivenciavam em seus cotidianos, principalmente as rurais, por não terem assistências devidas no momento de necessidade.

Dona Nair detalha como ocorreu o falecimento das crianças que estavam na faixa etária entre 3 a 9 anos de idade, e que um nasceu com deficiência física, não andava e nem tinha espinhaço ele faleceu aos nove anos. Teve duas barrigas de gêmeos e recorda que duas morreram aos 5 anos. Quando eu ia levar um para o hospital, os outros ficavam doentes; quando eu voltava já tinha outro morrendo.

O sofrimento de Dona Nair foi grande nessa época. Em suas gestações, não fazia pré-natal e nunca ganhou filho no hospital, todos através de parteiras. Nem ela e as crianças não tomavam vacinas e não utilizava nenhum método anticoncepcional para evitar gravidez, por não ter dinheiro suficiente para comprar os medicamentos de prevenção. Segundo Maria Rosa, ela engravidava quase todo ano. No entanto, com o passar dos anos, devido à idade ter avançado, não teve mais filhos. Dona Nair menciona que saía a noite com o candeeiro (lâmparina feita de lata, movida por querosene), colocando armadilha para pegar os peixinhos, vendia para o sustento dos meus filhos para comprar mantimentos para casa.

Seu esposo faleceu recentemente, em agosto de 2014. Com emoção, dona Nair, declara que esse foi um dos momentos mais difíceis da sua vida, pois perdeu um companheiro que conviveu boa parte de sua vida ao lado dele, mas afirma que Deus que quis assim, tenho que aceitar.

Dona Nair relata que o lugar mais longe que ela percorreu foi na Bahia mesmo, bem próximo, na cidade de Ilhéus, por motivo de saúde, quando teve que levar sua filha para ser internada as presas e que, logo após a viagem, a mesma faleceu, pois estava bastante debilitada e não resistiu.

No entanto, mesmo em meio a tantas dificuldades que passaram, dona Nair e seu esposo nunca se deixaram abater; lutaram bastante para criar seus filhos, com honestidade e dignidade. Passaram por todo esse processo de lutas. Dona Nair afirma: ãNunca dei um duro pra ninguém, mesmo depois de véia, os meus filhos nunca viu eu trabalhando pros outros. Nunca dependi de prefeitura, de prefeito, sempre me mantive com o suor do meu rosto e criei meus filhos assim, na luta mais euõ.



Fig. 11: Momentos de entrevista no fundo do quintal de Dona Nair (Créditos: Daniel Vaqueiro Santos, 2015)

Na entrevista, dona Nair relata que, apesar de ter passado por todas essas lutas, sofrimentos e perdas de pessoas que amava õesposo e filhosõ, ela olha para trás, e vê que hoje tem melhores condições de vida e que antes não tinha. Dona Nair afirma: õTenho uma casa digna e um lugar tranquilo para viverõ, onde conseguiu, junto com seu esposo, criar seus filhos e nunca precisou abandoná-los e todos continuam morando na aldeia, perto dela.

Em toda sua trajetória de vida, Dona Nair demonstra para todos que é um exemplo de mulher guerreira e determinada e que, apesar de tudo que já passou, sempre se manteve firme em seu objetivo principal, criar os seus filhos e dar uma boa educação õpara serem homens e mulheres de bemõ. Em sua comunidade as pessoas têm um grande respeito e admiração pela anciã. Talvez um dos motivos para justificar essa admiração seja exatamente a coragem para enfrentar as dificuldades e a crença de que precisava exercer o papel de mãe e de líder na família.

2.2 MARIA DoAJUDA (PAJÉ JAÇANÃ)



Maria DoAjuda Alves da Conceição

(Pajé Jaçanã)

Anciã

Idade: 73 anos (1942)

Nascida em Barra Velha (Registrada em Vale Verde)

Viúva, mãe 9 filhos (4 vivos), 12 netos 3 bisnetos.

A senhora Maria DoAjuda, mais conhecida como oPajé Jaçanãö, participou diretamente da retomada das terras indígenas. Dona Jaçanã, em sua entrevista, relata alguns fatos marcantes das dificuldades que sofreram naquela época da retomada do território indígena Aldeia Velha. Quando ficaram na parte baixa da aldeia, õhavia muito mosquito, se via doido com tanto mosquito, falta de água, bebendo a água dos animais que bebia naquelas poçasö.

Durante todo esse período de retomada da terra, os primeiros moradores sofreram bastante, para chegarem onde estão hoje. Porém, segundo a Pajé Jaçanã, muitas pessoas mais novas na aldeia desconhecem ou até mesmo não valorizam essas lutas enfrentadas pelas primeiras famílias.

A pajé Jaçanã afirma ter sido escolhida pela comunidade para exercer a função de Pajé, devido a sua sabedoria em fazer partos, grande força espiritual e conhecimentos com ervas medicinais para o tratamento de doenças. Segundo Carmo, õessas pessoas não se intitulam como pajés, simplesmente fazem suas atividades, fazendo parte de uma cultura que foi transmitida por ancestraisö.

O Pajé é um grande sábio da aldeia que tem um dom espiritual, [...] Geralmente, o (a) pajé é sempre um ancião (ã) devido a sua idade e experiência de vida, sua sabedoria permite dar conselhos para que a comunidade tome o rumo certo, têm um grande conhecimento da flora, auxiliando e preparando remédios naturais para cuidar dos parentes. Alguns também são parteiras e esses conhecimentos, que além de ser um dom natural, vão melhorando no decorrer de sua vida. (CARMO.S/D, p.2)

Dona Døajuda fez o seu primeiro parto aos vinte anos, õfoi Cosme de cumadre Marinalva, ele é meu neto de pegaçãoö. A pajé afirma ter feito o parto na mata, em um lugar perto da Braolândia, local onde ela residiu por algum tempo, antes de vir morar na aldeia. Dona Døajuda relata ter aprendido esse ofício observando as práticas da parteira que fez o seu próprio parto. Segundo, Ângelo do Carmo, õa Pajé já perdeu as contas de quantos partos fez e que seus conhecimentos são dons que foram concedidos por Deus, desde pequena recebia mensagens através de sonhosö.

Uma mulher pataxó torna-se parteira vivenciando, praticando e geralmente seguindo uma tradição familiar. O trabalho da parteira é um trabalho árduo e que exige muita dedicação: ela está presente não só no momento do parto, mas, sobretudo, nas horas que o antecedem. Na hora de realizar um parto, ela conhece as técnicas de acompanhamento e preparação dessas ervas medicinais para que o trabalho ocorra conforme o planejado. (CARMO, S/D. p. 3.apud, Inventário Cultural Pataxó, 2011)

A partir daí Dona Døajuda realizou partos em vários outros lugares, como na cidade de Eunápolis, Porto Seguro e Arraial DøAjuda, inclusive na aldeia velha. Menciona alguns casos que marcaram sua trajetória de vida, como parteira, õjá fiz parto, onde nasceu um sapo, que era do

tamanho de uma criança. Aqui no Arraial Døajuda eu peguei também um baby, aquele boneco que aparecia de primeiro na televisão. Todo grossinho o bracinho, mas nasceu morto. Em seu relato, o parto que achou mais arriscado ocorreu em sua própria aldeia; a mulher ganhou o filho com a placenta agarrada no útero, em sua opinião ão não teve nenhum parto tão perigoso como esse.

Em relação ao parto, dona Døajuda explica que as mulheres vão para os hospitais para terem os bebês, e lá não recebem os devidos cuidados, õporque muitas vezes a criança está em uma posição, e pouca hora, pode dar um desvio, é aí aonde muitas morrem. Os profissionais na área não ficam ali com elas, acompanhando todo o processo para ganhar o neném. E, em casa, a parteira tem todo o cuidado, fica acompanhando a paciente, até o momento final do parto, ão não pode sair e deixar a mulher sentindo dor. Têm que ter bastante conhecimentos com ervas, para ser feito os banhos que precisam, para alívio de dores durante e após o parto.

Ela desempenha o papel de pajé e parteira, geralmente os pajés são do gênero masculino e as parteiras femininas. Lembramos que parteiras não são um paliativo das comunidades indígenas para suprir a carência de uma rede médico-hospitalar. Pelo contrário, elas são alternativas eficientes e qualificadas (dona Dø Ajuda chegou a fazer curso de manipulação e esterilização dos materiais utilizados fornecidos pela FUNASA ó Fundação Nacional da Saúde, para melhorar suas funções) que, de modo geral, atende às necessidades da população indígena. (CARMO.S/D, p. 3)

Maria Døajuda relata com detalhes o que faz uma pajé em sua comunidade, õviver aconselhando, orando as pessoas, fazer e ensinar remédios e que, muitas vezes, as pessoas acham que ela poderia ser mais do que o cacique. Porém, dona Jaçanã afirma que, acima de tudo, respeita o cacique e não quer ser melhor que ninguém, õele que desenrole com o rolo dele e eu desenrolo com o meu.

Maria Døajuda foi casada por 30 anos com o senhor Benedito Cancela da Conceição, com quem teve seus nove filhos. No entanto, infelizmente o seu esposo faleceu devido a uma úlcera aos 50 anos de idade. Dona Døajuda afirma que, durante o período da primeira tentativa de retomada, o seu esposo esteve presente, contribuindo com sua ajuda. Porém, após cinco anos, teve a segunda retomada no qual o senhor Benedito já havia falecido. Mesmo com a perda do seu companheiro, a luta continuava e o desejo de conquistar a terra era o objetivo principal. Na entrevista afirma que antes de morar na Aldeia Velha, residia no Projeto Vale Verde óDistrito de Porto Seguro.

Em seus relatos, Maria Døajuda, emocionada, relata um acontecimento que marcou a sua vida para sempre, a lamentável perda de seus cinco filhos. A Pajé Jaçanã detalha como ocorreu as mortes; dois morreram de morte súbita, ãa menina tinha 1 ano e 6 meses, quando morreu de tose coqueluche e o menino com ataque de vermeö. Após a perda dos dois filhos, dona Døajuda afirma ter tido um sonho antes da morte de seus três filhos, ãeu passava pelo campo sem fim que estava pegando fogo, e não me queimavaö. Ao acordar, a Pajé relatou para o seu esposo o sonho que teve. Com uma semana depois, ela teve outro sonho que parecia a continuidade do anterior, ãchegou uma mulher, que eu nunca havia visto antes e me falou que minha cabana, que era de palha, estava queimando e meus filhos estavam mortos, corre, e ao chegar lá, eles estavam brincando no quintalö.

No entanto, alguns dias depois da visão que havia tido, lamentavelmente o fato ocorreu literalmente, idêntico ao sonho. Logo após presenciar o ocorrido, dona Døajuda menciona ter desmaiado, em meio ao desespero de não poder fazer nada para salvar seus filhos, pois ao chegar no local, já estavam todos mortos. Mesmo com o passar do tempo, a Pajé afirma ter tristes lembranças do que aconteceu com seus três filhos, ãquanto mais o tempo passa, mais meus pensamentos ficam fracos, isso me abala até hoje, são feridas que nunca irão cicatrizarö.

Jaçanã declara se sentir bem exercendo a função de pajé, e que têm o total respeito de todos da comunidade. Apesar de ter apenas 12 netos (no momento), as crianças que ela fez o parto, todas a consideram como ãVó Døajudaö e tem um enorme carinho e respeito pela anciã.



Fig. 12: Pajé Jaçanã em frente à sua casa, com os alunos da escola, passando os seus saberes tradicionais (Créditos: Daniel Vaqueiro Santos, 2015)

Na entrevista, a anciã relata ter viajado para vários lugares, até mesmo, fora do estado da Bahia, dando palestras e transmitindo os seus conhecimentos tradicionais, ela cita alguns lugares que recordou, õfui pra São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e outros lugares, que no momento não me lembro, foi convidada, em 2015, para palestrar em um seminário que foi realizado na Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Minas Gerais. A Pajé menciona, que também foi convidada para um evento que aconteceria fora do país, em Portugal. No entanto, devido a sua saúde estar debilitada, ficou impossibilitada de irãõ evento. Mas, apesar de não ter ido, dona Døjuda afirma ter ficado muito feliz pelo convite e o reconhecimento que tiveram com ela.

Apesar de todo o sofrimento que passou no passado, a pajé Jaçanã declara que hoje vive bem, õtenho um lugar tranquilo para morar e moro perto dos meus filhos, neto e bisnetos. Dona Jaçanã menciona que, no decorrer do tempo, teve algumas melhorias, durante sua trajetória de vida. Segundo Jaçanã, hoje reside em uma casa melhor, õpois antes, morava em casa de palha, lona e taipaõ. A anciã afirma que, devido a aldeia ser próxima da cidade e ter um fácil acesso para as necessidades que precisam, como a compra de mantimento, atendimento médico e outros. As mudanças foram contínuas em todos os aspectos. A comunidade está mais tranquila, referente a conflitos entre indígenas/fazendeiro e isso a deixa feliz. Dona Jaçanã declara que, õprimeiramente agradece a Deus e ao cacique Ipê, pois se hoje estamos aqui, foi por causa deleõ e õpela coragem dele e dos primeiros moradores.

A história de vida da anciã Maria Døjuda, nos deixa uma grande mensagem de superação, determinação e de uma mulher guerreira. Apesar de ter perdido o seu companheiro e os seus filhos tragicamente. Teve força de vontade e determinação para criar sozinha, os seus quatro filhos, que estavam ainda pequenos. Em sua comunidade, Dona Jaçanã é uma referência, pois além de ser a Pajé, é parteira e tem bastante conhecimento com ervas medicinais, no tratamento de diversas doenças. A mesma é procurada por muitas pessoas, para fazerem tratamento natural com ervas medicinais. A pajé Jaçanã relata, que é gratificante o reconhecimento que as pessoas têm, com o trabalho que ela desenvolve na comunidade.

2.3 ESMERALDA (DONA MERA)



Esmeralda Braz dos Santos

Anciã

Idade: 62 anos (1952)

Nascida em Camacan ó Bahia

Casada, mãe de 10 filhos (7 vivos), 28 netos e 4 bisnetos.

A senhora Esmeralda, mais conhecida como õDona Meraõ, participou diretamente da primeira retomada das terras indígenas e, desde então, é moradora da comunidade de Aldeia Velha. Casada há mais 40 anos com o Senhor Julito Costa Nascimento, os dois constituíram uma grande família, tiveram dez filhos; três faleceram. Segundo dona Esmeralda, õeram dois meninos e uma menina, morreram criançasõ, a menina faleceu com 5 anos de derrame, um dos meninos estava recém-nascido, de mal de sete dias e o outro aos 2 anos. Apesar das perdas, dona Mera e seu esposo superaram juntos, e atualmente são avós de vinte oito netos e bisavós de quatro bisnetos. A anciã declara ser um motivo de muita alegria, pois sua família cresceu, mesmo em meio a dor e sofrimento de ter perdido alguns dos seus filhos.

Em sua entrevista, Dona Mera relata com detalhes o que ocorreu durante à retomada da Aldeia Velha. Primeiramente, foi convidada pelo cacique Ipê na época, para participar da retomada da terra. A partir daí as lutas estavam apenas começando. Reuniram-se então, todas as famílias envolvidas, conseguiram entrar na área, através do Rio Buranhém que fica na divisa com a parte baixa da aldeia. Os indígenas buscaram o apoio da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), Polícia Federal, antropólogos e os demais órgãos que apoiavam na época a questão indígena. As famílias permaneceram alguns meses nesta parte da aldeia, que ainda era denominada como "Fazenda Santo Amaro". Depois, se deslocaram mais adentro e foram para o local onde hoje é denominado como "Reserva de Preservação Ambiental".

Na época em que estavam na reserva, eram poucas famílias que conviviam no local. Viviam em harmonia, uns para com os outros; todos unidos em um só propósito que era a demarcação da terra. Na entrevista, Dona Mera ainda cita os nomes de algumas mulheres que também participaram da retomada, dentre elas, estavam "Nair, Cotinha, dona Maria Nobre, dona Francisca"; porém, havia mais mulheres, onde viviam todos juntos, em uma só união.

Dona Esmeralda enfatiza ter passado por muitas dificuldades em sua infância, dentre elas, a moradia: "fui uma criança criada no tempo, não tinha casa". Sua moradia era dentro da mata, onde vivia com sua família. Tinham medo da convivência com os não indígenas. A alimentação não era como hoje em dia, não tomava café de manhã cedo, nem almoçava meio dia, se alimentavam apenas de frutas, chamadas jatobá e oiti. Nessa época, utilizavam as folhas ou cuinhas (artesanato de cabaça), como pratos para sua alimentação. Esmeralda afirma ter sido criada na relva e que, com o passar do tempo, o seu pai fez uma choupana, que ela explica ser uma casa aberta, feita de pau, onde dormiam em cima, faziam como se fosse uma cama, chamado "sote" e não havia cobertura, era no sereno.

Dona Mera é uma anciã que tem grandes conhecimentos de ervas medicinais para o tratamento de doenças. Conforme matéria constante no site Remédio Caseiro:

[...] a eficácia dos tratamentos medicinais indígenas não é questionada. Ao contrário, seus métodos e as plantas medicinais utilizadas são reconhecidos por pesquisadores e entidades científicas sérias, como sendo eficientes e com ativos químicos que, inclusive, fazem parte de diversos medicamentos comercializados e utilizados de forma ampla em nossa medicina convencional. (CASEIRO, Remédio. *Trata-se usando a Medicina Indígena*. Remédio Caseiro, 2016, p.1)

Os conhecimentos da anciã foram adquiridos desde a sua infância. Dona Mera afirma ter aprendido com sua mãe, que dominava esses saberes e foram passados de geração a geração. Dona Esmeralda ressalta a importância que as crianças de antigamente davam aos conhecimentos dos mais velhos, principalmente referentes à medicina tradicional. Quando sua mãe falava que tal erva era boa pra tal doença, ali ela guardava na mente e foi assim que se deu o conhecimento adquirido. Aprendeu a fazer garrafada, que é um remédio feito com várias ervas medicinais, dentro de uma garrafa. Produz-se um xarope para vários tipos de doenças crônicas e respiratórias como bronquites, tosse.

Todos já ouvimos falar ou estudamos sobre alguns dos costumes e hábitos indígenas, suas tradições e cultura rica, cercada de magia e respeito à natureza. Pois, é na natureza que os povos indígenas sempre encontram as respostas para levarem suas vidas simples e também as curas para todos os seus males. (CASEIRO, Remédio. *Trata-se usando a Medicina Indígena*, 2016, p.1)

Na opinião de dona Esmeralda, a doença que é mais difícil de ser curada é o câncer, mas se for tratado no início, pode ser combatido, com o uso do cansação branco fazendo o tratamento regular com ervas.

As ervas e as plantas medicinais resolvem doenças que o tratamento médico convencional ainda não consegue resolver e têm surpreendido com resultados para doenças pelas quais não há nada mais a fazer. Elas são tão eficazes quanto os remédios alopáticos, às vezes, até mais e tem surpreendido por apresentar resultados até em doenças tidas como incuráveis. As soluções de muitas doenças estão nas ervas e nas plantas medicinais. (MEDICINAIS, Ervas. *Fonte de saúde e longevidade*, s/d, p. 1)

Dona Esmeralda relata, com tristeza, o fato de, na aldeia, as pessoas não terem os conhecimentos das ervas, para serem utilizados como remédio natural e acabam cortando essas plantas junto com outros matos por não saberem distinguir a diferença entre as ervas medicinais e as plantas comuns. Enfatiza que em cada quintal da aldeia há uma rica diversidade de ervas, que deve ser preservada. Em detalhes, cita algumas, como Maria Preta, cansação branco, embaúba, papaconha que podem ser usados no tratamento de doenças crônicas e demais doenças.



Fig. 13: Maria Preta/ Nome Científico: *Solanum americanum* (Fonte: Google, 2016)

A planta toda é empregada na medicina tradicional em várias regiões do país, tanto interna como externamente. São atribuídas a ela as propriedades: anafrodisíaca, diurética, emoliente e depurativa, com indicação no tratamento por via oral de gastrologia, espasmos da bexiga e dores nas articulações, além de ser um vermífugo eficaz. Externamente é empregada como cicatrizantes para tratar psoríase, eczema, úlceras e para aliviar o prurido. (ABORTIVAS, Ervas. **Maria-Preta (*Solanum americanum*)**, 2012, p.1)



Fig. 14: Cansação Branco/ Nome Científico: *Urera baccifera* (L.) Gaudich. ex Wedd. (Fonte: Google, 2016)

É a espécie nativa mais relatada em estudos etnofarmacológicas e suas raízes e cascas do caule, apresentam inúmeras propriedades, como anticancerígena e antiinflamatória do útero, ovário e próstata, inflamações e dores em geral, problemas renais, disenteria, hemorragia, menstruação, apendicite e reumatismo. Ainda na medicina popular a seiva é empregada na cura da catarata. A raiz é tônica e diurética. (SOUZA, 2014, p.1)



Fig. 15: Embaúba/ Nome Científico: Cecropia (Fonte: Google, 2016)

A embaúba é uma planta medicinal que pode ser utilizada no tratamento de casos de pressão alta, bronquite, tosse, feridas na pele, taquicardia, tuberculose, asma, coqueluche e diabetes. (SILVA, S/D, p.1)



Fig. 16: Papaconha/ Nome Científico: IPECACUANHA (Fonte: Google, 2016)

Serve para casos de irritabilidade e impaciência; cólera; náuseas violentas; hemorragias com náuseas; tendências a convulsões; excesso de salivação; diarreia em crianças; urina com sangue; menstruações õpesadasõ; tosse com náuseas; bronquites agudas em crianças; dispneia ó dificuldade de respirar; asma; hemoptise ó expectoração com sangue; sacudida convulsivas nas extremidades; cólicas noturnas; arrepios; febre com ausência de sede. (FORTALEZA, Blog de Ana. **Para que serve a papaconha?**, 2014, p.1)

Dona Mera declara ter viajado poucas vezes, para longe, mas relembra de ter feito uma viagem para Belo Horizonte para participar de um evento ãencontro das aldeias, ficamos quase quinze diasõ, ela e alguns indígenas foram representar Aldeia Velha. Apesar de ter viajado pouco, devido à ida de estar avançada, a anciã declara que, sempre participou dos movimentos culturais, em busca de melhorias para sua aldeia.

Em entrevista, a anciã menciona que hoje vive melhor, em sua comunidade, depois para estar, do jeito que a aldeia está hoje, foi muita luta. Dona Mera ressalta que, antes de vir morar na aldeia, ela vivia em um lugar acidentado (declinado), e depois que vieram para a aldeia, melhorou bastante a situação, além do mais, tem fácil acesso ao Distrito, para as suas necessidades, por ser próximo da aldeia, e isso ajuda bastante, para nós indígenas, afirma Dona Esmeralda.

Na sua aldeia a Dona Mera é procurada até mesmo pelos não indígenas, devido a sua sabedoria em fazer garrafadas para tratamentos de doenças. Além de ter a Pajé Jaçanã como referência relacionada a esse assunto, a Dona Mera também é bastante conhecida pelos seus conhecimentos medicinais.

2.4 MARIALVA (PARIRI MAYNÁ)



Marialva Dias dos Santos

(Pariri Mayná)

Liderança e professora

Idade: 47 anos (1967)

Nascida em Ipiaú ó Bahia

Casada, mãe de 2 filhos.

A professora Marialva, nome indígena õPariri Maynáö, é formada em Pedagogia, têm duas pós-graduações (Psicopedagogia Clínica e Institucional/ Língua e Literatura Brasileira) e atualmente está cursando a Licenciatura Indígena, na área de Ciências Humanas e Sociais, no

Instituto Federal da Bahia (IFBA). É casada há 20 anos com José Roberto dos Santos e o casal tem dois filhos.

A professora Pariri Mayná detalha como iniciou o processo de educação escolar na Aldeia Velha e relata que tudo começou na reserva da aldeia, onde moravam os primeiros moradores. Mayná não vivenciou todos os acontecimentos do período da reserva, porém o cacique Ipê, na época, lhe informou que a educação indígena¹ iniciou em 1998, com um grupo de alunos que estudavam na cabana e que funcionava como escola, mas não tinha ainda um professor contratado pela Secretária de Educação do Município. No entanto, em 1999, os indígenas, com muita luta, conseguiram a contratação da primeira professora não indígena, que se chamava Alzenir Martins.

Em seu relato, Henriques e outros (2007) relatam que, essas transformações e apropriação da escola dentro das comunidades, que antes eram impostas obrigatoriamente, passou a ser reivindicadas pelas próprias comunidades indígenas como forma de fortalecimento cultural, autonomia política e reivindicações de seus direitos.

A escola, espaço histórico de imposição de valores e assimilação para incorporação à economia de mercado e, nesse processo, devoradora de identidades, passa a ser reivindicada pelas comunidades indígenas como espaço de construção de relações intersocietárias baseadas na interculturalidade e na autonomia política. O direito a uma Educação Escolar Indígena - caracterizada pela afirmação das identidades étnicas, pela recuperação das memórias históricas, pela valorização das línguas e conhecimentos dos povos indígenas e pela revitalizada associação entre escola/sociedade/identidade, em conformidade aos projetos societários definidos autonomamente por cada povo indígena - foi uma conquista das lutas empreendidas pelos povos indígenas e seus aliados, e um importante passo em direção da democratização das relações sociais no país. (HENRIQUES e outros, 2007, p. 9)

¹No Brasil, os povos indígenas têm reconhecidos suas formas próprias de organização social, seus valores simbólicos, tradições, conhecimentos e processos de constituição de saberes e transmissão cultural para as gerações futuras. A extensão desses direitos no campo educacional gerou a possibilidade de os povos indígenas se apropriarem da instituição escola, atribuindo-lhe identidade e função peculiares. (HENRIQUES, 2007, p.9)



Fig. 17: Na imagem acima, está a professora Alzenir, dando aula para os alunos na reserva, dentro da cabana, local denominado como primeira escola da aldeia. (Fonte: CARMO.S/D, p.24)

Segundo o livro de Angelo do Carmo, ainda em preparação, há um entalhamento sobre como foi a luta para a implantação da Escola Indígena na aldeia, isso após a retomada da sede, em 2000. Iniciaram as aulas em um quarto vazio, no fundo da casa do cacique Ipê. O local onde era chamado pelos indígenas, como casa grande (devido o fazendeiro residir no local citado). Porém, o quarto onde estavam tendo as aulas era pequeno, úmido e escuro devido as árvores serem próximas. Resolveram, então, irem para a farinheira. No entanto, se depararam com outras dificuldades. Por ser um local de fazer farinha, as crianças começaram a ter problemas respiratórios, por causa do pó que saía das máquinas.

Ao se depararem com todas essas dificuldades enfrentadas pelas populações indígenas para a implantação da escola dentro da aldeia, como está descrito acima, mesmo em meio as divergências e sofrimentos, os indígenas demonstram ter bastante determinação para alcançar seus os seus objetivos. De acordo com Henriques e outros (2007), apesar das dificuldades, os indígenas hoje não ver mais a escola como uma arma contra eles, mais sim, como uma aliada para buscarem os conhecimentos necessários, para debaterem de frente com a sociedade não indígena, porém, sem conflitos diretos, apenas no diálogo.

Os povos indígenas contemporâneos vêem a escola por eles construída como instrumento para a construção de projetos autônomos de futuro e como uma possibilidade de construção de novos caminhos para se relacionarem e se posicionarem perante a sociedade não-indígena, em contato cada vez mais estreito. (HENRIQUES e outros, 2007, p.17)

A professora Alzenir permaneceu dando aula até o ano de 2000 e, devido à gravidez, teve que se afastar da sala de aula no período da gestação. Porém, não retornou para lecionar mais, na aldeia, por motivos pessoais.

Marialva ingressou na carreira de professora no ano de 1990, na cidade de Itabuna-BA, onde residia antes da sua vinda para a aldeia. Relata ter vindo a primeira vez na aldeia no dia 28 de dezembro 2000, devido os familiares do seu esposo morarem na aldeia desde a retomada da Aldeia Velha. Foram convidados pelo cacique Ipê (na época), ela e Roberto (seu esposo), para uma reunião na casa do cacique.



Fig. 18: A professora Marialva e o professor Roberto (seu esposo). (Créditos: Marialva Dias dos Santos, 2001)

Na conversa que tiveram, o Ipê disse que estava precisando de dois professores e eles aceitaram a proposta. Após o acordo que fizeram com o cacique, eles vieram morar definitivamente na aldeia em 2001. Neste mesmo ano, teve início as aulas na casa de Ipê com a professora Marialva e o Roberto, mas, devido ao número de alunos que só aumentava, tiveram que deslocar as atividades para a farinha (local onde fazia farinha) por um período de seis meses.

Durante o período que permaneceram na farinha, tiveram bastante dificuldade, por ser utilizado como sala de aula e, ao mesmo tempo, como local que produzia farinha. A professora relata que não havia nenhuma divisória entre o espaço onde os alunos utilizavam como sala de aula e onde ficavam as máquinas: o barulho incomodava muito, nossos cabelos ficavam todos brancos de farinha e os alunos brincavam dizendo que estávamos ficando velhos. Com esses problemas,

voltaram para a casa do cacique. Porém, antes de terminar o ano, retornaram novamente para a farinha já que a casa não comportava os alunos.

Marialva afirma ter atuado em sala, no período diurno e Roberto (esposos) com a turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno. Atuou sozinha no turno diurno por um período de dois anos (2001/2002), com uma turma multisseriada, de 1ª a 4ª série. Ao final do ano de 2002, a professora Maria Aparecida, mais conhecida como Parú, entrou para ajudá-la. Por não ter uma parede para dividir a sala improvisada das máquinas de fazer farinha, reuniram-se, então, o cacique, as lideranças e professoras. Fizeram uma divisória com bambus: de um lado ficava a professora Marialva com os alunos de 1ª e 2ª série e do outro, Maria Aparecida com 3ª e 4ª série.

Havia claramente um sofrimento dos alunos ao terem que estudar no espaço da farinha, pois o resíduo da mandioca fedia e o cheiro era muito forte, acabava prejudicando a saúde das pessoas que estavam ali naquele local. Segundo Marialva, houve várias reuniões, entre lideranças da aldeia, Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e Prefeitura Municipal de Porto Seguro para tentar resolver a situação. Os dois órgãos estabeleceram uma parceria e construíram uma sala, com dois banheiros e os alunos se deslocaram para a escola nova, no final de 2004.



Fig. 19: Registro feito em 2002, os alunos estudando, dentro da farinha, por não haver um local adequado e apropriado para sala de aula. (Fonte: CARMO. S/D, p.26)

Na entrevista, a professora ressalta a importância de terem criado, em 2005, a unidade executora da escola, que era uma das chaves para o desenvolvimento da escola, onde teve a ajuda da Soraia Perelo, que, na época, trabalhava na Secretária de Educação. A partir desse momento, Marialva e as lideranças começaram a buscar recursos, participando de várias reuniões em busca da melhoria e desenvolvimento da Educação Escolar Indígena de Aldeia Velha. Segundo Marialva, em 2005, houve uma reunião em Salvador e conseguiram uma reforma para a escola.

Neste mesmo ano (2005), com a prefeitura local, ganharam a ampliação. A execução dessas duas demandas ocorreu no ano seguinte (2006) e, após a ampliação, ficaram duas salas, dois banheiros, uma área (espaço aberto) e uma mini-secretaria.

A professora menciona ter participado de algumas reuniões em Coroa Vermelha ó BA, para tratarem de assuntos referentes à educação escolar indígena nas aldeias. Durante essas reuniões, o indígena Jerry Matalawê passou para ela, algumas palavras em Patxôhã que estava trabalhando no dicionário, para serem transmitidas e ensinadas em sala de aula e na comunidade e, assim, pudessem fortalecer a cultura dentro de Aldeia Velha. Devido estarem no início de todo o processo de fortalecimento e afirmação cultural, precisavam revitalizar a parte cultural na escola e comunidade, para terem o reconhecimento de todos fora da aldeia.

Segundo Pariri Mayná, a luta foi muito grande, referente a cultura, artesanato, pintura por não terem pessoas que faziam os artesanatos com tanta perfeição, como há atualmente, alguns confeccionavam apenas materiais simples. No entanto, a partir desses movimentos de fortalecimento cultural, buscando melhorias para a aldeia, Marialva relata que a educação dentro da aldeia foi desenvolvendo a cada dia. A parceria entre escola, lideranças e comunidade, teve um bom progresso. Dentre esses avanços, Mayná ressalta que tiveram o aumento do número de professores e que a primeira professora de cultura foi Lucinei Nobre de Souza, mais conhecida por Nei. A professora relata que durante todo esse processo, a luta não foi fácil. Porém, os indígenas se mostravam entusiasmados e interessados em fortalecer a cultura dentro da comunidade. Na entrevista, Pariri Mayná cita os nomes de algumas pessoas que recordou que começaram a fazer na época cocas simples (ornamento que os indígenas usam na cabeça), a minha sogra (Dona Vilma), meu sogro (Meira), eu (Marialva), Antonildo, Rodrigo, a partir daí, tiveram muitos avanços, Mayná menciona que hoje temos traços maravilhosos, e pessoas que fazem lindos artesanatos na comunidade, pois a sementinha que foi plantada no passado está surtindo resultados no presente. Marialva declara, com orgulho, o fato de ter participado diretamente da evolução e transformações que a sua comunidade passou no decorrer do tempo.

No início, Marialva achava que seria apenas uma professora dentro da sua aldeia. Porém, percebeu que não funcionava dessa forma, õseria de tudo um pouco. Além de mãe e professora, seria liderança, representante, ajudando na cultura/artesanato e demais atividades praticadas na aldeia. Logo, passou a ser representante das Mulheres, mas, no início, não sabia como agir. Começou a participar de várias reuniões, a primeira foi em Coroa Vermelha e depois em Salvador, ao chegar lá, foi informada que seria representante das mulheres de Aldeia Velha, depois passou a ser Dona Vilma Beatriz dos Santos (sua sogra). Após ser representante das mulheres, foi convidada para participar do Fórum de Educação Escolar Indígena, onde tiveram vários debates sobre a Educação Escolar Indígena Diferenciada e, em um desses debates, discutiu-se a necessidade de terem professores indígenas com nível superior² nas escolas indígenas. Segundo Mayná, õfoi a partir daí que iniciou a luta para montar o LINCEEI (Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena ó UNEB) e a LINTER (Licenciatura Intercultural ó IFBA)õ. Marialva relata que a primeira turma a iniciar foi a do LINCEEI (2006), fez a prova mais não foi aprovada. No entanto, não desistiu. Quando formaram a segunda turma, a LINTER (2010), realizou a prova e conseguiu ser aprovada.

Da mesma forma já consolidada na formação para o magistério intercultural, a formação no ensino superior também ocorre por meio da criação de cursos específicos de *licenciaturas interculturais*. [...] Desse modo, a demanda dos povos indígenas por processos de educação escolar diferenciados, em todas as etapas e modalidades da educação básica, em conformidade com seus projetos de autonomia e sustentabilidade socioambiental, está sendo implementada por meio da formação de professores das próprias comunidades em cursos de nível superior. (HENRIQUES e outros, 2007, p. 39).

²No processo de discussão e implantação de políticas públicas de formação superior para professores indígenas, o Ministério da Educação, por intermédio da Sesu (Secretaria de Educação Superior) e da Secad (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade), lançou em 2005 o Edital do Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas (Prolind). [...] A elaboração do Programa foi amplamente discutida com a Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena (CNEEI) e outros atores componentes da Comissão Especial de Educação Superior (Cesi). Com esta iniciativa, o MEC pretendeu apoiar projetos de Cursos de Licenciaturas específicas para a formação de docentes indígenas integrando ensino, pesquisa e extensão, contemplando estudos de temas relevantes como línguas maternas, gestão e sustentabilidade das terras e das culturas dos povos indígenas. Os projetos também devem promover a capacitação política dos professores indígenas como agentes interculturais na formulação e realização dos projetos de futuro das comunidades indígenas. (HENRIQUES, 2007, p.39)

Em sua entrevista, Marialva relata como passou a ser responsável pela escola de Aldeia Velha. No começo, a escola não tinha nem direção e nem coordenação, funcionava na farinheira. Para poder funcionar como escola, passou a ser o núcleo do colégio do Arraial Døajuda e a luta foi grande para chegar até uma escola maior. A professora menciona que Sandra Caire era responsável pelas escolas indígenas no município de Porto Seguro. Devido ao aumento de alunos, Sandra convocou Mayná para ser responsável pela escola de Aldeia Velha. Além de professora, deveria fazer as matrículas, transferências e demais documentações dos alunos. Depois de algum tempo, a escola se desenvolveu bastante, não estavam mais na farinheira e já haviam se deslocado para a primeira escola construída pela parceria entre prefeitura e FUNAI, após a ampliação do número de alunos.

Em 2009, foi construída uma nova escola, com o apoio da Prefeitura Municipal de Porto Seguro, com mais salas, banheiros, secretária, refeitório, e espaços amplos, para um melhor funcionamento da instituição. Marialva declara que, a partir daí, houve a necessidade de ter uma direção escolar, reuniram-se, então, cacique, lideranças e a comunidade, onde fizeram uma eleição para diretor(a), e devido Marialva estar à frente dos assuntos da escola, resolveram eleger-la como diretora, atuando na direção da escola, do ano de 2009 a 2011.

Segundo Mayná, a experiência foi gratificante e é totalmente diferente de estar em sala de aula. Na sua opinião, a dificuldade é bem maior, porém, já estava na luta desde 2001. A dificuldade que tinha é a de que não havia uma pessoa para auxiliá-la com as documentações, estava sozinha. Portanto, houve a necessidade de contratar uma secretária para ajudá-la, após várias solicitações, a Prefeitura contratou a indígena Vânia Santos Meira, õdepois da entrada dela, melhorou bastanteõ o funcionamento da secretaria da escola. Mayná menciona alguns nomes que a ajudaram no começo, como õSoraia Perelo, Claudio Alcântara, Andrea dos Reisõ, pois não tinha experiência com a direção da escola, como lidar com os professores, dentre outros assuntos relacionado ao funcionamento da escola, e õmuito que aprendi com elesõ. As pessoas citadas acima eram não indígenas que trabalhavam na Secretária de Educação, no setor da Educação Escolar Indígena. Segundo a professora Marialva, foram peças fundamentais para o avanço da Educação Escolar de Aldeia Velha, e õque ela não poderia deixar de citarõ.

A professora Marialva menciona alguns lugares que recordou ter viajado como representante da aldeia, õparticpei do evento, chamado Rio + 20³ (2012) realizado no Rio de Janeiro; reuniões no

³A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, foi realizada de 13 a 22 de junho de 2012, na cidade do Rio de Janeiro. A Rio+20 foi assim conhecida porque marcou os vinte anos de realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92) e contribuiu para definir a agenda

Fórum de Educação Escolar Indígena⁴ (2008), em Banzaê (BA); Formação Continuada pela Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade⁵ (2007) e reunião para Ampliação da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha através do Estado (2005), em Salvador (BA).

Transformações da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha no Decorrer do Tempo:



Fig. 20: Farinheira local que era utilizado para farinha e também como sala de aula (Fonte: CARMO. S/D, p. 25)

do desenvolvimento sustentável para as próximas décadas. O objetivo da Conferência foi a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável, por meio da avaliação do progresso e das lacunas na implementação das decisões adotadas pelas principais cúpulas sobre o assunto e do tratamento de temas novos e emergentes.

⁴Fórum de Educação Escolar Indígena da Bahia, realizado nos dias 3 e 4 de junho de 2008, na cidade de Banzaê, além de debater as políticas públicas e o exercício da gestão participativa, serviu também para consolidar a luta pelo fortalecimento da identidade étnica dos povos indígenas. Representantes das mais diversas etnias, do governo do estado e da Assembleia Legislativa unificaram o discurso em defesa da tolerância e respeito às tradições dos primeiros habitantes, sem esquecer a batalha por novas conquistas.

⁵ [...] Políticas de formação de professores indígenas focadas nas licenciaturas e no magistério interculturais, de produção de materiais didáticos e paradidáticos específicos, de ampliação da oferta de educação básica nas escolas indígenas e de fortalecimento da interlocução institucionalizada e informada de representantes indígenas com os gestores e dirigentes do MEC e dos sistemas de ensino.



Fig. 21: Marialva e seu aluno Aruanã na frente da Farinheira, local onde fazia farinha e também era utilizado como escola. (Créditos: Marialva Dias dos Santos, 2003)



Fig. 22: No final de 2004, os alunos mudaram para a escola construída através da parceria, entre FUNAI e Prefeitura, onde tinha apenas, uma sala e dois banheiros. (Fonte: CARMO. S/D, p. 28)



Fig. 23: Reforma e Ampliação da escola (Créditos: Marialva Dias dos Santos, 2005)



Fig. 24: Após a ampliação (Créditos: Marialva Dias dos Santos, 2006)



Fig. 25: Escola construída pela Prefeitura, em 2009 (Fonte: CARMO. S/D, p. 31)



Fig. 26: Frente atual da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha (Foto da autora, 2016)



Fig. 27: Escola foi ampliada em 2014, com mais quatro salas; realização Prefeitura Municipal de Porto Seguro (Lateral da Escola). (Créditos: Gabriel Gomes Santos, 2015)



Fig. 28: Espaço fora da Escola (Foto da autora, 2016)



Fig. 29: Escola Antiga (fica ao lado da atual escola, localizada ao centro da aldeia), atualmente uma sala é utilizada como Ponto de Cultura e a outra Sala de Reforço Escolar. (Créditos: Gabriel Gomes Santos, 2016)

A professora e liderança Marialva é uma das referências em sua comunidade, referente a Educação Escolar Indígena, na luta por uma educação diferenciada e de qualidade. Em toda sua trajetória de vida se dedicou na criação de seus filhos para que tivessem uma boa educação e se tornassem pessoas de bem. Apesar de não estar mais na direção da escola, atualmente, continua atuando como professora no ensino infantil, trabalhando na alfabetização das crianças de 4 e 5 anos. Marialva declara que, quando as mães de meus alunos vem me agradecer pelo aprendizado dos seus filhos, fico muito feliz em ver os resultados de meu trabalho. Segundo Pariri Mayná, mesmo em meio às dificuldades enfrentadas no passado, a mesma se sente motivada a cada dia, através desses incentivos. Por saber que a sua comunidade precisa dela, faz com que ela siga em frente e continue na luta pela melhoria de sua aldeia.

2.5 MARICEIA (AHNÃ PATAXÓ)



Mariceia Meirelles Guedes

(Ahnã Pataxó)

Liderança e professora

Idade: 35 anos (1979)

Nascida em Águas Belas ó Bahia

Casada, mãe de 3 filhos.

A professora Mariceia, mais conhecida por ãArnã Pataxóö, atualmente está cursando a Licenciatura Indígena no Instituto Federal da Bahia, na área de Ciências Humanas e Sociais. É artesã, liderança e grande articuladora⁶ no fortalecimento cultural.

⁶ Incentivadora e estimuladora no fortalecimento cultural de seu povo.

Em sua entrevista, Ahnã explica com detalhes como foi a sua vinda para a Aldeia Velha. Segundo o seu relato, ela trabalhava com artesanato, na confecção e na venda, e devido o Povo Pataxó ainda ser um povo nômade, procurava melhorias em outros lugares. Antes de morar na aldeia, residia na Aldeia Coroa Vermelha. Porém, havia bastante concorrência com os demais indígenas na venda dos artesanatos. Então, em 2002, ela e sua amiga, chamada Sandra, resolveram vir para as praias do Arraial DøAjuda, para venderem os artesanatos, procurando melhorias de vendas para o sustento da família. E perceberam que o movimento de vendas era bom e começaram a frequentar constantemente as praias. Notaram, também, que a noite na Broadway (uma rua turística, muito conhecida), que fica ao lado da Praça São Braz, havia um enorme movimento, especialmente no período do verão.

Dessa forma, no pensamento delas, poderiam expor seus artesanatos para venda, pois já tinham viajado para vários outros lugares e estados diferentes, e nunca haviam tido problemas. Porém, quando foram comercializar os seus artesanatos no Arraial DøAjuda, se depararam com essa problemática: havia bastante fiscalização da prefeitura em conjunto com a Polícia Militar e não deixavam os indígenas venderem os artesanatos na praia de dia e nem na praça à noite. Ahnã relata que os conflitos eram constantes, e mesmo recebendo ameaças de serem presos os seus artesanatos, ela não desistia e continuava lutando pelos seus direitos.

Mariceia afirma ter alugado um quarto apenas para dormir no bairro Guanabara (Arraial DøAjuda), para vender os seus artesanatos no período noturno. Segundo Ahnã, neste mesmo período, ela e Sandra encontraram com cacique Ipê (na época), que era um velho conhecido, pois o mesmo tinha uma loja de artesanato do lado dela, na Aldeia Coroa Vermelha onde trabalhavam. Após a conversa, Ipê a convidou para conhecer a Aldeia Velha, pois ela não conhecia ainda. Ele explicou que se tratava de uma aldeia que ficava localizada próxima ao Arraial DøAjuda, mas era uma área fechada e reservada para os indígenas. Passados dois dias de sua conversa com o Ipê, ela e Sandra foram conhecer a aldeia e gostaram muito do lugar. Saíram do quarto de aluguel e vieram para Aldeia Velha, apenas para passar uns dias, na casa do cacique, para comercializar os artesanatos, como meio de sobrevivência de suas famílias. Ficavam uns dias no Arraial e depois iam para suas residências na Aldeia Coroa Vermelha ver seus familiares.

Ahnã relata ter ficado temporariamente, um período de oito meses. Depois de algum tempo, Ipê a convidou para morar na aldeia. Em 2004, ela conseguiu um terreno, começou a construir a sua casa e passou a morar na aldeia definitivamente. Em seu relato, um dos momentos mais marcantes de sua vinda para Aldeia Velha foi quando ela ia vender artesanato na Praça da Broadway (centro),

e arrumava confusões com a fiscalização da prefeitura e a polícia, pois havia bastante discriminação com os indígenas.

Segundo Ahnã, por ter experiência em viajar para outros lugares, achava que poderia expor seus artesanatos para vender na praça. Lembra que muitas vezes seus materiais (artesanatos) haviam sido apreendidos e que uma vez, ela e sua amiga Sandra chegaram a ser pressas; ficaram um dia inteiro detidas na ouvidoria da Polícia Militar, apenas por quererem vender seus artesanatos, que era o seu único meio de sobrevivência. Relata que nessa época o responsável pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio ó Núcleo Porto Seguro), era o indígena õZeca Pataxõ. Várias vezes ele ia ao Arraial DøAjuda retirar os materiais que estavam apreendidos na delegacia.

Apesar de todos esses ocorridos, ela não se intimidava com as ameaças sofridas e continuava na luta pelos seus direitos e nunca desistia. Mariceia declara que as pessoas do Arraial perguntavam para os moradores da aldeia se eles residiam na Fazenda Santo Amaro e as pessoas confirmavam. Porém, ela começou a enfatizar õna cabeça dos jovens e dos mais velhos que esse era o nome antigo do local e não se chamava mais assim, mas sim Aldeia Velhaõ e õque na aldeia as pessoas já praticavam a cultura, mas precisava de alguém mais ousado.õ A partir daí, õas pessoas de fora da aldeia começaram a respeitar reconhecer-nos como Aldeia Indígenaõ.



Fig. 30: Foto antiga, onde mostra que os indígenas já praticavam a cultura (Créditos: Marialva Dias dos Santos)

Ahnã afirma que neste mesmo período, começaram a vir os projetos para a comunidade. Ela e o professor José Roberto dos Santos, passaram a monitorar o projeto Arteducar (Governo do Estado e parceria com a TIM operadora de serviços de telefones celulares). Segundo Mariceia, eles

trabalharam com crianças, adolescentes e jovens. Ela trabalhando na revitalização da cultura, com dança/música, e o Roberto com confecção de adereço⁷. Através desse projeto, fizeram vários movimentos culturais, dentro e fora da aldeia, Mariceia relembra alguns; um deles foi o primeiro intercâmbio cultural com outra aldeia, o intercâmbio realizado na Aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, no ano de 2005, apresentações de dança tradicional, no Centro de Cultura de Porto Seguro, hotéis, praça do Arraial DøAjuda.öAhnã cita outros projetos que recorda ter vindo para a comunidade e que ela participou, como; projeto segundo tempo (Governo Federal), MEA (Associação das Mulheres em Ação) e o projeto da reserva de preservação ambiental e fortalecimento cultural. Mariceia ressalta que o projeto da reserva era sociocultural, onde participavam boa parte da comunidade, õcrianças, adolescente, jovens, adultos e os mais velhosö, recebiam turista de dentro e fora do país, numa parte da aldeia que é apenas área de preservação.

Os indígenas realizavam apresentações como; dança tradicional õAwêö, trilha ecológica de preservação ambiental, comida típica, pintura, palestras sobre a história do povo Pataxó e outros atrativos. Através desse projeto, tiveram algumas oportunidades, para apresentar a cultura fora da aldeia. Foram convidados para viajaram para vários lugares, dentre eles, õSalvador, São Pauloö, e, com isso, mobilizou toda a comunidade, õdessa forma buscando a revitalização da nossa cultura, dentro da aldeiaö. Infelizmente, não houve continuidade no projeto da reserva, devido a um incêndio que teve na cabana cultural onde eram desenvolvidas as atividades citadas acima, porém, õaté o momento não sabemos qual foi o motivo desse trágico acidenteö.



Fig. 31: Projeto Arte Educar (Créditos: Marialva Dias dos Santos, 2006)

⁷ Confecção de artesanato do povo Pataxó, dentre eles: brincos, cocares de pena (ornamento que os indígenas usam na cabeça).

No entanto, apesar do incidente ocorrido com a cabana, os movimentos culturais dentro da aldeia, não pararam. Segundo Ahnã, a partir daí, continuaram a crescer culturalmente e a buscar os seus direitos, ela cita alguns desses direitos, ãa oportunidade de participar dos jogos indígenas nacionais, os jogos indígenas de Porto Seguro e demais representações indígenas. Ressalta ser muito importante, está participando desses movimentos, pois assim estará dando visibilidade para sua aldeia e ao seu povo, que é bastante discriminado pelos não indígenas.

Em sua entrevista relata que, no dia 30 de março de 2010, ganhou a etapa estadual do Prêmio Mulher de Negócios 2009⁸ do SEBRAE⁹, na categoria Negócios Coletivos. Pelo reconhecimento de sua história de vida e empreendedorismo na aldeia em que reside. Ressalta ter saído, em abril de 2010 (Nº184), uma matéria na revista Conexão Bahia do SEBRAE, relatando que a mesma havia ganhado o prêmio, Ahnã declara, ãme sentir muito honrada em poder representar as mulheres baianas e, em especial a minha comunidade, através desse prêmio.ö



Fig. 32: Revista que saiu a matéria sobre o Prêmio Mulher de Negócios. Ahnã recebendo o troféu do superintendente do Sebrae Bahia, Edival Passos. (Foto da Autora, 2015)

⁸ Site: www.mulherdenegocios.sebrae.com.br

⁹ Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas Bahia



Fig. 33: Ahnã com as demais Mulheres que chegaram a etapa final. (Foto da Autora, 2015)

Em 2009, Ahnã relata ter prestado o vestibular do IFBA para a Licenciatura Intercultural Indígena (LINTER), fez a prova, apenas para testar os meus conhecimentos, mais não tinha esperança de passar, porém, a mesma foi aprovada, passando na cota das lideranças. No entanto, apesar de não achar que iria passar, Ahnã afirma, ter ficado surpresa com a aprovação, mas se passei, vou honrar o nome da minha aldeia e o meu povo. Mariceia explica como foi a sua entrada na Escola Indígena de Aldeia Velha, entrei na escola como estágio, e acabei gostando, após essa experiência, em 2013, teve a oportunidade de exercer a função de professora, onde atua até hoje, nas disciplinas de geografia e história, no fundamental II. Ahnã declara, que na aldeia, além dela ser mãe, é professora, liderança, artesã e que faz de tudo um pouco.

Na entrevista, Ahnã afirma que, os projetos em sua aldeia são contínuos, o povo Pataxó não pode parar, ela descreve um projeto que atualmente está participando, para o fortalecimento e afirmação cultural que é a Varanda Cultural. Segundo Mariceia, a varanda cultural é um espaço físico em sua casa, porém, não fica fixo apenas em um lugar. O desejo da professora e os demais membros da equipe (varanda), é expandir, percorrendo toda a comunidade em ir nas casas ou até mesmo na rua. Ahnã detalha, alguns aspectos que Varanda Cultural proporciona; trazemos um ancião para contar histórias (narrativas, contos e lendas), exibimos documentários ou filmagens, oficina de artesanato e pintura, e dessa forma, mostramos para as crianças, adolescentes e jovens, a importância de manter, afirmar e praticar a cultura. Ressalta ser um trabalho sociocultural, para a revitalização do Povo Pataxó, dentro de Aldeia Velha.



Fig. 34: Frente da casa de Ahnã, denominada como Varanda Cultural (Créditos: Varanda Cultural, 2015)



Fig. 35: Alguns movimentos que a Varanda Cultural desenvolve dentro da aldeia. (Créditos: Varanda Cultural, 2015)

A professora Ahnã menciona, que em toda sua trajetória de vida sempre participou ativamente, do movimento indígena, junto com seu povo. Segundo ela, devido a sua aldeia ser bastante próximo da cidade, em seu ponto de vista, o nosso povo vive muito vulnerável. Declara que essa questão hoje, é o que mais a preocupa, o manter a cultura viva dentro da comunidade, pela proximidade e o fácil acesso ao Distrito do Arraial D'Ajuda e demais povoados, estamos praticamente espremidos, no meio dessas circunvizinhanças, tendo o contato direto com os não indígenas, pois isso é inevitável. No entanto, Ahnã ressalta ser importantíssimo demonstrar para os jovens, que eles devem dar continuidade na luta pelos direitos de seu povo, e ela afirma que, para isso temos que manter nossa cultura, porque o índio sem cultura, o quê que somos? Em seu relato, Mariceia, relata, que a luta pelo território, por uma saúde de qualidade, uma educação diferenciada e para os indígenas estarem hoje em uma Universidade, essa luta não foi nossa não! Foi de nossos mais velhos, que morreu lutando, por esses direitos e que é preciso todos valorizarem essas lutas, conquistadas pelas lideranças. Ahnã ressalta que, é o dever de todo indígena, que sai representando suas respectivas aldeias e contribuir com sua comunidade, de acordo aos conhecimentos adquiridos nas Universidades e demais instituições, por terem saído de suas aldeias representando o seu povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise referente à invisibilidade e à pouca participação das mulheres indígenas, em vários palcos de discussões, nos quais as mesmas deveriam estar marcando presença. Através da análise das entrevistas, e também de pesquisa em jornais, dissertações e outras fontes, pude perceber que essa problemática acontece em todos os lugares. Isso fortaleceu ainda mais o meu desejo de pesquisar sobre essa temática. Resolvi, então, registrar as trajetórias de vida das mulheres da minha aldeia. A questão inicial era quais seriam as mulheres? Tive algumas dificuldades referente à escolha, pois meu desejo seria registrar todas as mulheres de Aldeia Velha. Porém, percebi que isso não seria possível, pois uma pesquisa dessas levaria bastante tempo para ser concluída e, devido à questão do tempo, não seria viável. Mas, em diálogos com algumas pessoas na comunidade, referente ao meu percurso acadêmico, pensei em registrar apenas as histórias de vida de cinco anciãs. Após algumas conversas, tive a ideia de, além das mais velhas, escolher também duas mais novas. Dessa forma poderíamos analisar as diferentes vivências.

O ponto de partida da pesquisa foi a partir da chegada de cada uma delas na aldeia, suas contribuições na aldeia e quais atividades praticam na comunidade, além das dificuldades enfrentadas por elas. Esse tema relacionado apenas sobre as mulheres na aldeia nunca havia sido registrado. Além do mais, sou Mulher e Indígena, e quero deixar registrado as histórias dessas mulheres guerreiras, que sempre lutaram pelo seu povo e que muitas vezes não têm o reconhecimento e a valorização que deveriam ter.

Apesar de ter o contato, constantemente com elas, ao entrevistá-las descobri muitas histórias que para mim eram desconhecidas e que provavelmente para muitos de minha comunidade também. Assim, através desse estudo, essas histórias ficarão registradas e gravadas em forma de um pequeno documentário, que estará anexado nessa pesquisa, para registro de imagens e assim, dar voz as entrevistadas, e acima de tudo valorizar cada uma delas. Ter esses registros contribuirá para valorizar as Mulheres Pataxó de Aldeia Velha e fortalecer o movimento das Mulheres Indígenas no Brasil.

Poderá também contribuir para sanar a dificuldade de encontrar materiais específicos relatando apenas sobre Mulheres Indígenas, conforme revelou a pesquisa. Dentre essas buscas, em encontrar algum relacionado ao assunto, descobrir que, o dia 5 de setembro é considerado

mundialmente o dia Internacional da Mulher Indígena. Porém, para mim isso era desconhecido, pois não é um dia muito divulgado nacionalmente.

Foram coisas incríveis que aprendi em toda essa experiência que vivenciei. Levarei para vida toda as histórias de lutas dessas mulheres, que mesmo em meio a tantas dificuldades, nunca desanimaram ou pensaram em desistir. Essas mulheres são verdadeiros exemplos de vida, pois, apesar de todo sofrimento que vivenciaram, e suas trajetórias de vidas serem diferentes uma das outras, todas têm algo em comum: buscam as melhorias para sua comunidade e acreditam em um futuro melhor para novas gerações. Enfatizam também a questão do fortalecimento cultural e o aprendizado referente aos conhecimentos tradicionais que, segundo elas, não podemos deixar morrer.

A antropóloga Ângela Sacchi (2008) afirma que o movimento de mulheres é para fortalecer o movimento em geral, pois a política dos povos indígenas é única. Sacchi menciona que, nos encontros realizados para as mulheres indígenas, elas deixam bem explícitos em seus discursos, que as lutas delas são para a garantia de seus territórios tradicionais, pois deles dependem a sobrevivência do seu povo, o direito à saúde e uma educação diferenciada. Portanto, esse fato demonstra que as mulheres buscam não apenas o direito à voz nos movimentos indígenas, mas também, direitos próprios de gênero.

O meu desejo é continuar pesquisando sobre o tema que foi abordado no presente trabalho, pois me identifico bastante e pretendo dar continuidade. Mas, espero que também sirva de incentivo para os demais pesquisadores que tiverem o desejo de pesquisar sobre essa problemática. Dessa forma estaremos dando visibilidade as Mulheres Indígenas, não apenas Pataxó, mas também de outras etnias.

REFERÊNCIAS

- ABOSRTIVAS, Ervas. **Maria-Preta (Solanum americanum)**. 2012, p.1. Disponível em: <http://ervaabortivas.blogspot.com.br>. Acesso em 7 abr.2016.
- CARMO, Angelo Santos do. **Ipê Aldeia Velha Uma Conquista Uma História**.p.1-72, S/D.
- CARMO, Angelo Santos do. **O Saberes Tradicional da Pajé na Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha**: um olhar pedagógico sobre o quintal denominado farmácia viva. p.1-6. Dissertação. Universidade Estadual da Bahia/Campus X, S/D.
- CASEIRO. Remédio. **Trata-se usando a Medicina Indígena**. 2016, p.1. Disponível em: <http://www.remediocaseiro.com> Acesso em: 07 abr.2016.
- FORTALEZA, Blog de Ana. **Para que serve a papaconha?**. 2014, p.1. Disponível em: <http://anadefortaleza.blogspot.com.br>. Acesso em 07 abr.2016.
- HENRIQUES, Ricardo etal. (Org.). **Educação Escolar Indígena: Diversidade sociocultural Indígena Ressignificando a Escola**. 2007, p. 1 ó 133. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (SECAD/MEC). Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/imagens/pdf/bib_cad3_ed_indi_div_esc.pdf Acesso em: 01 maio 2016.
- MEDICINAIS, Ervas. **Fonte de saúde e longevidade**. S/D, p. 1. Disponível: <http://www.tiaxica.com> Acesso em: 06 abr.2016.
- OLIVEIRA, Tatiana Silva; VIEIRA, Vanuzia Bonfim. **A Aldeia Mãe Barra Velha e as Mães da aldeia** Pataxi Imamakã Arahunaø á Makiamé g i p Imamakãp upã Pataxi. p. 1-23 . Tese. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- PACIEVITCH, Thais. **Sambaqui**. Info escola. 2016, p. 1. Disponível em: <http://www.infoescola.com/arqueologia/sambaqui>. Acesso em: 03 abr.2016.
- PORTAL, Vermelho. **O dia da Mulher Indígena**. Jornal Informativo. 2012, p.1-2. Disponível em: <http://www.vermelhinho.org.br>. Acesso em: 04.set.2015
- SACCHI, Ângela. **Mulheres indígenas e participação política**:a discussão de gênero nas organizações de mulheres indígenas. p. 95-110, Revista Antropológicas, ano 7, vol.14, 2003.
- SILVA, Débora. **Chá de embaúba ó Benefícios e propriedades**. S/D, p.1. Disponível em: <http://chabeneficios.com.br> Acesso em: 7 abr.2016.
- SOUZA, Francisco. **Urtiga Cnidoscolus urens (L.) Arthur**; Flora do RN. Fauna e Flora do RN. 2014, p. 1. Disponível em: <http://faunaefloradorn.blogspot.com.br> Acesso em: 07 abr. 2016.

SOCIAL, Assessoria de Comunicação. **Banzaê debateu Educação Indígena**. 2008, p. 1. Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. Disponível em: <http://www.alba.gov.br/noticias/Noticia.php?=6013> Acesso em: 01 maio 2016.

SUSTENTÁVEL, Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento. **Sobre o Rio + 20**. 2012, p. 1. Disponível em: <http://www.rio20.gov.br> Acesso em: 29 abr. 2016

VERDUM, Ricardo. **Mulheres Indígenas, direitos e políticas públicas**. In: VERDUM, Ricardo et al. (Org.). *Mulheres Indígenas, Direitos e Políticas Públicas*. Brasília: INESC, 2008. p. 7-19.